

O Jardim Botânico

Reportagem de
ADALBERTO MÁRIO RIBEIRO

EM AGOSTO de 1940 publicamos nesta Revista longa reportagem sob o título "O problema florestal e a ação do Presidente Vargas", tendo então consagrado algumas linhas ao Jardim Botânico.

Sempre tivemos em vista, entretanto, tratar do nobre e majestoso parque em publicação à parte, de forma a permitir-nos mais vagar no descrevê-lo, mais atenção e cuidado no fixar-lhe as belezas e os encantos e também os trabalhos dos cientistas aos quais compete estudar ali a ocorrência, características e distribuição dos representantes da flora nacional.

Só essa tarefa basta para revelar a importância do nosso Jardim Botânico, que, por iniciativa própria ou por solicitação das Seções do Serviço Florestal, a que é subordinado, se incumbem também da introdução no país de plantas exóticas.

Não menos interessante é, sem dúvida, efetuar a identificação científica dos espécimes florestais e coletar dados sobre os nomes comuns das essências — outro encargo do Jardim Botânico, que poderia limitar-se a fazê-lo apenas quanto às denominações científicas.

Ninguém ignora que é imensa a coleção das plantas medicinais indígenas, não sendo, todavia, poucas as desconhecidas. E, daí, competir ao Jardim Botânico promover, em colaboração com os órgãos de ensino médico e farmacêutico, o melhor conhecimento dessas mesmas plantas.

Agrada-nos prosseguir nessa exposição dos encargos daquele importante setor do Serviço Florestal, desconhecido por completo de muita gente, que se compraz apenas em admirar-lhe os encantos...

O Jardim Botânico efetua observações e pesquisas preliminares sobre novas aplicações de plantas conhecidas ou sobre a utilização de plantas pouco conhecidas.

Vamos mostrar aos nossos leitores que ainda ali se procura organizar e manter, com finalidade edu-

cativa, coleções vivas especializadas, notadamente de plantas medicinais, agrícolas e ornamentais, assim como um jardim sistemático.

Há outros trabalhos, e não menos valiosos, a que se entregam os cientistas do Jardim Botânico: os de executar ensaios de cultura de essências florestais, bem como os de hibridação e enxertia.

A exemplo de outras organizações científicas a cargo do Governo Federal, procura o grande órgão do Serviço Florestal promover intercâmbio com estabelecimentos congêneres do país e do estrangeiro, permutando sementes, mudas e material botânico.

Ao público carioca o Jardim Botânico proporciona exposições de plantas ornamentais e até cursos de jardinagem.

Observa-se hoje em todo o país certo interesse pelas matas e pelos jardins, sobretudo por estes, depois que os poderes públicos começaram a interessar-se por uma campanha educacional que há muito deveria estar organizada em moldes amplos, como, aliás, se verifica em outros países.

A decretação do Código Florestal e a criação de Conselhos Florestais, por um lado, e os trabalhos de urbanismo a cargo das Prefeituras Municipais, por outro, e nos quais jardins, parques e "playgrounds" vão aos poucos surgindo, concorrem para despertar no povo aquele interesse, fácil, aliás, de ser aumentado se no lar, na escola, na imprensa, no rádio e no livro, se intensificar ainda mais campanha tão necessária, na qual o Jardim Botânico entra com valiosa contribuição, como vamos demonstrar em seguida.

HISTÓRICO DO JARDIM BOTÂNICO

Ao colher material para esta reportagem, conseguimos obter o *Guia do Visitante do Jardim Botânico*, onde fomos encontrar este breve histórico do grande parque:

"Desde sua origem o Jardim Botânico do Rio de Janeiro está prêso à história da civilização. Sua fundação

liga-se a um acontecimento de grande culminância na política européia, pois foi fugindo da possível invasão de Portugal pelas hostes de Napoleão, que D. João VI transferiu a sede do reino português para o Rio de Janeiro, fundando aqui, entre outros estabelecimentos culturais, o Real Hórto, hoje Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Foi, aliás, um dos primeiros atos do governo sediado no Rio de Janeiro, o da criação do Real Hórto, a 13 de junho de 1808. No local onde existira um engenho de cana de propriedade de Rodrigo de Freitas, havia já um próprio nacional que era a Fábrica de Pólvora. Anexo a esta mandou D. João instalar um "jardim para aclimação e cultura de especiarias das Índias Orientais".

Nessa mesma época uma ocorrência trágica, ligada ainda às lutas militares da Europa, contribuiu para a formação do Real Hórto, enriquecendo-o com novas espécies de plantas. E' que, naufragando nas costas de Goa uma fragata denominada "Princesa do Brasil", embarcaram os naufragos no brigue "Conceição", com destino ao Brasil. Durante a travessia foram aprisionados pelos franceses, então em guerra com Portugal, e internados na Ilha de França, onde existia o *Jardin Gabrielle*, no qual vicejavam plantas de grande valor econômico, lá introduzidas por Poivre e De Menouvilles, quarenta anos antes.

Entre os naufragos estava o chefe de divisão Luís de Abreu Vieira e Silva, que, com outros oficiais, conseguiu arditamente fugir do presídio. Não contente com uma fuga, quis Luís de Abreu jogar ainda outra cartada temerária, conseguindo subtrair do *Jardin de Gabrielle* um grande número de mudas e sementes de especiarias e outras plantas exóticas com o fito de enriquecer o Real Hórto, onde entregou tais mudas e sementes.

Dois anos depois (1810) o marechal Manoel Marques, que conquistara a Guiana Francesa, em nome da rainha D. Maria, de Portugal, remeteu ao Real Hórto nova coleção de plantas exóticas, vindo depois outras, em 1812, de Macau. Dentre as plantas assim introduzidas (do *Jardin de Gabrielle* e de Macau) merecem destaque: *chá*, *abacateiro*, *caneleira*, *fruta-pão*, *palmeira real*, *moscadeira*, *sagú*, *lichia* e *cajazeiro*.

A 11 de maio de 1817, D. João, então Rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, decretou a mudança do nome do estabelecimento para *Real Jardim Botânico*, aumentando-lhe as instalações e recomendando o plantio do *cravo da Índia* e de algumas outras "árvores de especiarias".

Do Jardim Botânico tais plantas (exóticas) se espalharam por todo o país, sendo que algumas tão bem se adaptaram e tão profusamente se difundiram nos jardins e pomares brasileiros, que se incorporaram às nossas tradições e paisagens, como acontece à palmeira real e ao abacateiro, por exemplo.

No reinado de D. João VI, o Real Hórto era inteiramente privado e particular; foi no reinado de D. Pedro I que se o franqueou ao público, isso mesmo com permissão do Diretor, sendo os visitantes acompanhados por praças militares que tinham um corpo de guarda no local.

Entre as finalidades e atividades do Jardim em sua fase inicial destacam-se a cultura e preparo do chá da Índia, entregue a chineses especialmente contratados, e a fábrica

de "chapéus do Chile", feitos com as folhas da bombonaca (*Carludovica palmata* Ruiz et Pav.), de que havia uma grande cultura no Jardim Botânico.

Com a nomeação, em 1824, de frei Leandro do Sacramento para diretor do estabelecimento, passou o Jardim, de simples campo de aclimação de plantas exóticas, a Instituto de estudos botânicos, graças aos altos dotes científicos desse frade carmelita, que era membro das Academias de Ciências de Londres e Munich e Professor de Botânica da Academia de Medicina do Rio de Janeiro. Foi quem deu cunho científico ao Jardim Botânico, e realizou diversas obras notáveis, entre as quais o lago que tem seu nome.

Outro frade carmelita — Custódio Alves Serrão, assumiu, em 1859, a administração do Jardim Botânico, reenctando o trabalho de Frei Leandro, que estivera interrompido após a morte deste.

Por essa época passou o estabelecimento por um período crítico, culminado com a renúncia de Frei Custódio. Foi o caso de ter o "Instituto Fluminense de Agricultura" pleiteado e conseguido assenhorear-se da Administração do Jardim, intromissão que estava fadada ao insucesso, ficando o Jardim, a bem dizer, estacionário por muitos anos, até que, em 1890, sob o advento da República, houve o governo por bem retirá-lo das mãos do Instituto Fluminense de Agricultura, entregando sua direção a J. Barbosa Rodrigues, criador e diretor do Museu Botânico do Amazonas.

Sob as vistas do botânico Barbosa Rodrigues teve o Jardim um largo período de desenvolvimento. Retomando as tradições de Frei Leandro, deu nova orientação ao estabelecimento, aumentando suas coleções vivas, criando o herbário e a biblioteca, além de cuidar do aspecto artístico do parque, tornando-o no que é hoje — o mais belo parque botânico tropical do mundo.

Falecendo Barbosa Rodrigues, em 1909, passou o Jardim Botânico por períodos instáveis de desenvolvimento, merecendo dos diretores Pacheco Leão e Aquiles Lisbôa cuidados e atenções especiais na parte científica e na publicação dos trabalhos nêle realizados.

Em 1930, entrou em nova fase de realizações, ao advento da República Nova, tendo à sua frente, na administração do Jardim, um neto de Barbosa Rodrigues — Paulo Campos Porto, que encetou e ultimou uma completa remodelação do Parque, melhorando a parte estética e enriquecendo as coleções de plantas, realizando exposições, congressos, etc.

Em 1933, em virtude de grandes reformas no Ministério da Agricultura, a que se subordina o Jardim Botânico, passou este a fazer parte do Instituto de Biologia Vegetal, sob a direção do naturalista Costa Lima.

Exonerando-se Costa Lima, em 1934, passou Campos Porto à direção do I.B.V., dando grande desenvolvimento ao Jardim Botânico graças ao apoio que sempre encontrou da parte do Presidente Getúlio Vargas, que, em pessoa, tem acompanhado carinhosamente o desenvolvimento deste Instituto.

Em fevereiro de 1936, o Jardim Botânico foi atingido por um grande flagelo — uma enchente que danificou gran-

demente cerca de dois terços de sua área. A ação pronta do Chefe da Nação, conhecedor direto da vida deste grande parque científico, concedeu à direção do estabelecimento meios de restaurar rapidamente a parte danificada e iniciar obras de proteção contra futuras inundações.

Nova reforma na estrutura do Ministério da Agricultura, em fins de 1938, extinguiu o I.B.V., criando o Serviço Florestal, ao qual se incorporou o Jardim Botânico, sob a direção do agrônomo F. de Assis Iglesias, até março de 1942, quando passou o cargo ao atual diretor agrônomo Alfeu Domingues".

Podemos prosseguir nesse histórico com apontamentos agora colhidos para esta reportagem :

Sucedeu ao Dr. Alfeu Domingues, em 1943, na direção do Serviço Florestal, o Dr. João Augusto Falcão, em cuja administração foi dada novamente autonomia ao Jardim Botânico, que passou a ter um diretor científico. Por decreto de novembro de 1944 foi nomeado para esse cargo o professor João Geraldo Kuhlmann, que desde 1919 ali trabalha, tendo prestado sua colaboração científica a várias administrações, entre as quais a do Dr. John Willis, naturalista inglês, que dirigiu o Jardim Botânico, durante cerca de três anos.

A ATUAL ORGANIZAÇÃO DO JARDIM BOTÂNICO

Pelo Decreto n.º 16.677, de 29 de setembro de 1944, publicado no *Diário Oficial* de 2 de outubro do mesmo ano, foi dado novo regimento ao Serviço Florestal, que passou a ter a seguinte organização :

Jardim Botânico (J.B.)
Seção de Silvicultura (S.S.)
Seção de Proteção Florestal (S.Pt.)
Seção de Tecnologia de Produtos Vegetais (S.T.)
Seção de Parques Nacionais (S.P.)
Seção de Administração (S.A.)
Biblioteca

O Jardim Botânico passou a ser constituído das seguintes seções :

Seção de Botânica Geral (S.B.G.)
Seção de Botânica Sistemática (S.B.S.)
Seção de Botânica Aplicada (S.B.A.)
Superintendência do Jardim (S.J.)

Para dirigir essas seções foram nomeados :

Dr. Fernando Romano Milanez — Botânica Geral.

Sr. Liberato Joaquim Barroso — Botânica Sistemática.

Prof. Alexandre Curt Brade — Botânica Aplicada.

Sr. Cláudio Cecil Poland — Superintendência do Jardim.

Lendo o art. 6.º do referido Decreto n.º 16.677, o qual trata da competência dos órgãos do Serviço Florestal, encontramos definidas as atribuições do Jardim Botânico em vários itens. Em vez de reproduzir estes na mesma disposição com que foram publicados no *Diário Oficial*, preferimos fazê-lo de outra forma, sem lhes alterar, absolutamente, a contextura, conforme se verifica logo no início deste trabalho.

Agora, podemos começar nossa reportagem descrevendo

A ENTRADA DO JARDIM BOTÂNICO

A entrada se encontra na face da rua Jardim Botânico, por largo portão ladeado por dois pavilhões. No da parte esquerda se acha a Portaria. Antes de nela penetrarmos, o lápis do repórter começou a funcionar, e custou a parar depois, como o leitor vai ver...

Numa placa de mármore à parede lemos :

"No Governo do Exmo. Senr.

Presidente

Nilo Peçanha,

sendo ministro da Agricultura

Indústria e Comércio o Exmo. Senr.

Rodolpho Nogueira

da Rocha Miranda,

foram reorganizados os serviços

do Jardim Botânico

nos termos do decreto n.º 7.848,

de 3 de fevereiro de 1910,

ficando concluídos e inaugurados

todos os trabalhos de adaptação

e saneamento em 10 de novembro de 1910"

Mais abaixo, vê-se num quadro o regulamento do Jardim, ladeado por dois avisos ao público de que na Portaria se acham à venda o *Guia do Visitante* e o *Album Florístico*, "com 64 estampas coloridas de árvores do Brasil". Ao primeiro já fizemos referência no início deste trabalho e do segundo trataremos mais adiante.

Há ainda, na face externa do pavilhão, não muito distante desses três quadros, uma outra placa de mármore dos "Beneméritos do Jardim — Guilherme Guinle e Octavio Reis", que, soubemos depois, contribuíram para o seu embelezamento, concorrendo para novo revestimento do piso das aléias, construção de pérgulas e oferecendo também algumas coisas raras ao Jardim.

Agora, passemos à face externa do pavilhão da direita. Nela só há uma placa, com esta inscrição :

Jardim Botânico
Fundado na regência
do príncipe
Dom João VI
Sendo ministro do Reino
D. Fernando José
de Portugal
(Marquez de Aguiar)
Em 13 de junho
de 1908.

Entrando depois no pavilhão da esquerda, falamos ao porteiro Joaquim Francisco Marins, que ali trabalha desde 1910 "sem que nunca tivesse qualquer interrupção no exercício do cargo", segundo nos declarou muito satisfeito.

— Tem aumentado a freqüência ao Jardim?

— Sim, senhor. Os estrangeiros é que gostam disto. A nossa gente, nem tanto. Quando o doutor Alfeu Domingues era diretor do Serviço Florestal organizou aqui uma exposição de orquídeas, então, sim! Foi em novembro de 1942. Houve dias em que passaram por este portão mais de três mil pessoas. Olhe, eu vou mostrar o meu livro.

E, abrindo uma gaveta, o Marins dela retirou o livro, indo logo à página correspondente àquele mês e ano.

— Pode ver : 13.396 visitantes em novembro de 1942.

Depois o prestimoso funcionário passou a aludir à horrível inundação do Jardim em 1936, com extravasamento do rio Macacos, que o atravessa em grande extensão. Em meio da conversa chegaram visitantes interessados em saber "onde estavam as árvores que o jornal dava". E um deles mostrou ao Marins um recorte do *Correio da Manhã* que trazia a notícia.

— O senhor pode ir por aqui até chegar lá perto do rio Macacos. A árvore é assim "quebrando

para a esquerda". Mas não precisa pensar muito : pelo caminho "tem" guardas p'ra lhe ensinar.

— Mas que árvores são essas? perguntamos ao porteiro.

— Aqui está um pedacinho do jornal, que eu também já cortei. E o senhor não imagina como tem vindo gente para ver as árvores! Todo mundo gosta de ver novidade.

E o Marins nos deu o recorte da notícia que aqui transcrevemos em seguida :

ÁRVORES NOTÁVEIS DO JARDIM BOTÂNICO

Floresceu, pela primeira vez, uma famosa euforbiácea

Num dos seus primeiros despachos com o diretor do Serviço Florestal, o diretor do Jardim Botânico comunicou



A tradicional alameda de palmeiras reais, paralela à rua Jardim Botânico

uma novidade do mundo vegetal daquele parque científico, na presente estação : o florescimento, pela primeira vez, no Jardim Botânico, da euforbiácea conhecida no Pará por Castanha de Arara, dali trazida há anos pelo naturalista Adolpho Ducke. Trata-se de planta que a ciência denominou de *Joannesia heveoides*, Ducke, notável pelo tamanho dos frutos, cujo diâmetro vai de 14 a 18 centímetros e suas sementes atingem às dimensões do ovo de peru. Segundo declarou então o sistemata J. G. Kuhlmann, a



O Prof. J. G. Kuhlmann mostrando ao nosso redator a inflorescência da "*Couroupita Guianensis*", verificada em novembro de 1944 e de forma muito abundante

"Castanha de Arara", dentre tôdas as plantas de sua família, no mundo inteiro, é a que se apresenta com os maiores frutos e sementes. Das respectivas amêndoas extrai-se um óleo na proporção de 47 a 56 % daquelas, óleo êsse de cor amarelo-claro, não comestível, semi-secativo e que dá um sabão branco de boa qualidade.

Outra árvore digna de ser apreciada pelos visitantes do Jardim Botânico, e agora, também, em flor, é a "Castanha de Macaco", cientificamente conhecida por *Couroupita guianensis*, Aubl. E' árvore de grande porte, cuja particularidade está em florescer no tronco.

Um dos exemplares do Jardim Botânico êste ano floresceu como há muito não o fazia, constituindo o fato um acontecimento pouco comum e que, para o grande público, está sendo uma oportunidade de apreciar um dos belos aspectos da natureza vegetal. O tronco da *Couroupita* está coberto de flores exquisitas, de belo colorido, agradável perfume, e do tamanho de rosas, cuja disposição dá à árvore um aspecto de rara beleza.

— Muito obrigado, Sr. Marins. E onde podemos falar ao professor Kuhlmann?

— E' no 1.008. O senhor vai por fora, aqui pela rua, e na casa da administração o professor Kuhlmann está lá trabalhando.

E assim fizemos, conseguindo falar sem dificuldade

COM O DIRETOR DO JARDIM BOTÂNICO

O professor J. G. Kuhlmann recebe-nos com afabilidade.

Falamos-lhe das duas árvores notáveis a que se referia o jornal e depois solicitamos-lhe licença para colher informações sobre o Jardim Botânico e divulgá-las em reportagem na *Revista do Serviço Público*.

— Não há dúvida. Mas o nosso regulamento não permite divulgação dessa natureza, sobretudo com feição ampla como a que pretende o senhor dar-lhe, sem a indispensável aquiescência do Diretor do Serviço Florestal, Sr. João Augusto Falcão.

Entretanto, podemos conversar um pouco sobre as nossas atividades. É natural que haja certo cuidado no divulgar assuntos científicos. Pois, como sabe, muitas vezes uma palavra errada constitui verdadeiro desastre...

E, junto à mesa do professor Kuhlmann vimos, em bela encadernação, a *Flora Brasiliensis*, de Martius. Por natural associação de idéias, lembramos de antiga reportagem nossa sobre a Seção de Botânica do Museu Nacional e na qual focalizamos (por sinal que muito mal, horrivelmente mal!) os trabalhos do professor J. Alberto de Sampaio, que há muitos anos dirige aquele centro de estudos e pesquisas no setor da botânica.

A FLORA BRASILEIRA DO MARTINS, OS DISPOSITIVOS
E OS VINTE CONTOS...

— Então, professor Kuhlmann, aqui também se pode ver a preciosa *Flora Brasileira* do Martins...

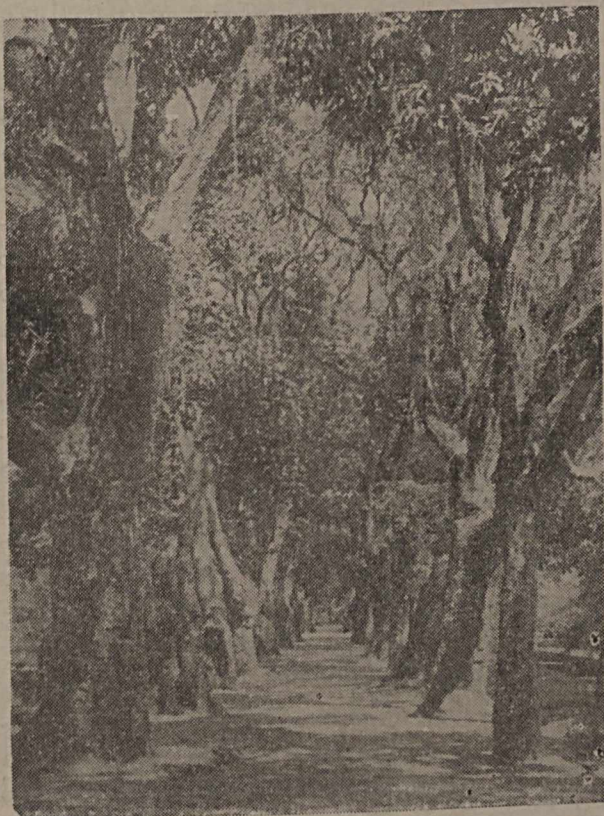
— O senhor deve estar enganado... O que ali está é a *Flora Brasiliensis*, de Martius... Essa outra, a do Sr. Martins, eu não conheço...

— Desculpe-nos a irreverência, a profanação, no confundir Martius com um Sr. Martins qualquer... Queremos nos referir à reportagem que há tempos escrevemos sobre os trabalhos do professor J. Alberto de Sampaio, no Museu Nacional e que publicamos num jornal aqui do Rio. O professor Sampaio nos mostrou então a *Flora Brasiliensis*, de Martius; fez-nos ver a sua bela coleção de diapositivos, por ele mesmo pintados e, depois, discorreu sobre a grande obra de Martius e seus colaboradores, revelando-nos curiosos pormenores, que fixamos imediatamente e com todo o cuidado para que, ao serem impressos no jornal, não saíssem errados. Fomos ainda mais longe: mandamos bater a máquina toda a reportagem, mostrando-a antes ao professor Sampaio, a fim de revê-la,



A flor da *Couroupita*, ou "Castanha de Macaco", vista de perto. A essência na qual foi focalizada essa flor pertence à mesma família botânica da "Castanha do Pará", da "Sapucaia", do "Jequitibá", etc.

escoimá-la de possíveis senões de nossa parte. Tudo, portanto, feito e acabado de forma escorreita. Só nos restava aguardar, e ansiosamente, a publi-



Aléia de velhas mangueiras, da época da fundação do Jardim Botânico

cação do trabalho, no qual nossa contribuição fôra insignificante, nula, e a daquele cientista completa e, como não podia deixar de ser, perfeita. O professor J. Alberto de Sampaio acrescentou às suas informações que a elaboração da *Flora Brasiliensis*, de Martius, que custara nos bons tempos mil e duzentos contos, não poderia ficar hoje por menos de 20 mil! Pois bem, professor Kuhlmann, o senhor sabe o que saiu impresso no jornal, com tôdas as letras, num requinte de inconcebível perfeição? Apenas isto, logo no título da minha bem mastigada reportagem, e com letras garrafais:

A FLORA BRASILEIRA DO MARTINS

E a palavra *diapositivo* sempre alterada para *dispositivo*. Quanto ao preço por que ficaria hoje a grande obra, os revisores resolveram fazer-lhe pequena redução, de vinte mil contos para... vinte contos, apenas. Depois de tantas belezas, claro

que nunca mais aparecemos ao professor Sampaio...

O professor Kuhlmann compreendeu, afinal, porque lhe faláramos, de início, na *Flora Brasileira* do Martins... Sorriu com indulgência, mas lhe percebemos certa malícia no olhar, assim como se nos quisesse dizer:

— Que não lhe aconteça outra semelhante agora e não me arranje também *dispositivos* e *Martins*...

Como tivéssemos em mira voltar novamente ao Jardim Botânico no dia seguinte, demos a entender ao seu diretor que apenas estávamos nos apresentando...

— No dia 23 vou fazer uma conferência no Clube Militar sobre o valor cicatrizante da casca do *arapari*, árvore amazônica, e além de meus trabalhos costumeiros estou preparando o material para esta conferência. Se quiser, posso depois de amanhã, que é domingo, dar, pela manhã, um passeio com o senhor pelo Jardim e mostrar-lhe a



Outro aspecto da aléia das velhas mangueiras

Couroupita e a *Castanha de Arara* e, se não ficar muito cansado, poderá ver as nossas *avencas*, *begônias*, plantas medicinais e também *preciosida-*

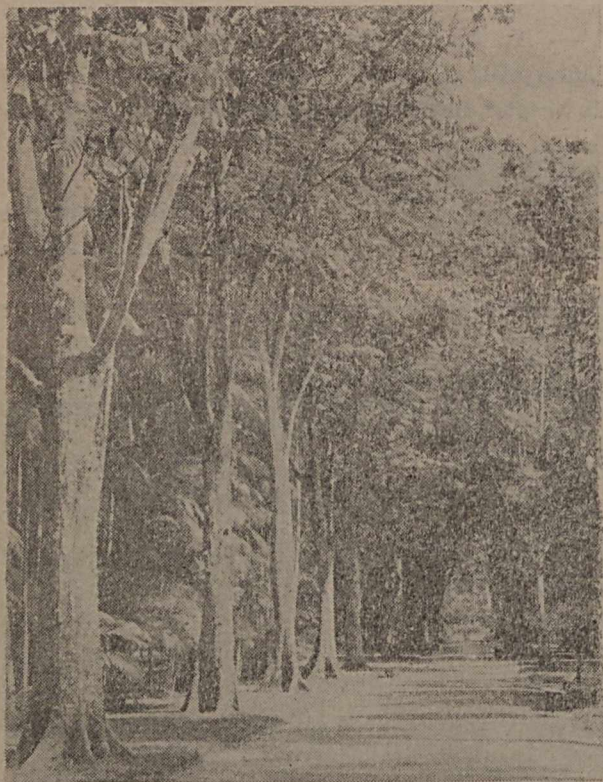
des do Jardim, que ao leigo muitas vezes passam despercebidas. Para não perder tempo, posso apresentá-lo, agora, ao professor Brade e assim o senhor já vai colhendo notas para a sua reportagem.

— Obrigado pela gentileza. Assim está muito bem.

E pouco depois estávamos

NA SEÇÃO DE BOTÂNICA APLICADA

Aí o prof. Alexandre Curt Brade, interrompendo seus estudos, atende-nos com boa vontade, longe de imaginar que nossa permanência em seu ga-



Aléia formada por exemplares da célebre "Andiroba", que produz excelente madeira e apreciável óleo medicinal

binete de trabalho não seria breve, pois estava diante do mais cacete dos repórteres, homem que, por nada saber, quer saber de tudo... E sua arma perigosa é o lápis, o lápis e também grosso caderno de notas, registradas sempre de forma abreviada, que só ele mesmo pode entender.

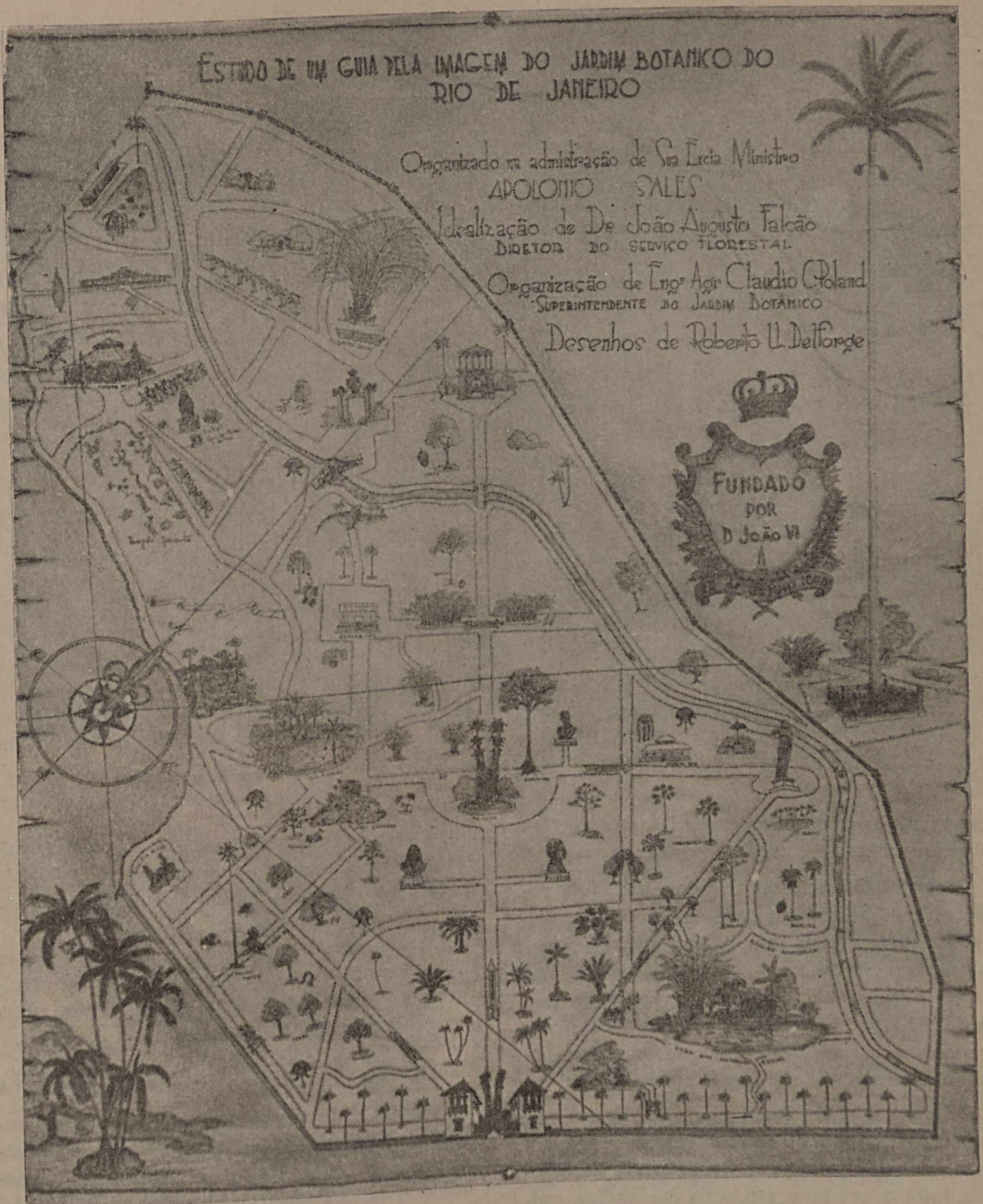
O prof. Brade, que é engenheiro arquiteto, formou-se em 1902 na Alemanha, dedicando-se depois à botânica, tendo sido discípulo dos professores Sorauer, Ascherson e Wittmack, da Universi-

dade e da Escola Superior de Agronomia de Berlim. O chefe da nova Seção de Botânica Aplicada trabalhou de 1928 a 1933 na Seção de Botânica do Museu Nacional. Quando foi criado o Instituto de Biologia Vegetal, do Ministério da Agricultura, foi transferido para esse novo órgão como assistente, tendo trabalhado com os Drs. Campos Porto e Adolpho Ducke, atualmente no Instituto Agrônomo do Norte. Em 1934 foi nomeado superintendente interino do Jardim Botânico, permanecendo nessas funções mais de quatro anos, em substituição ao Dr. Campos Porto, nomeado diretor do Instituto de Biologia Vegetal. Com a extinção desse Instituto, em janeiro de 1939, o Dr. Brade voltou ao seu cargo efetivo de naturalista da Seção de Botânica, do Serviço Florestal, nele permanecendo até 7 de novembro de 1944, quando foi nomeado chefe da Seção de Botânica Aplicada, do Jardim Botânico. Desde 1920 vem o prof. Brade publicando uma série de trabalhos botânicos, sendo de destacar os relativos a plantas das famílias *Pteridophyta*, *Borraginacea*, *Scrophulariaceae*, *Orchidaceae*, *Melastomaceae* e Begônias novas do Brasil. Já realizou 34 trabalhos diferentes.

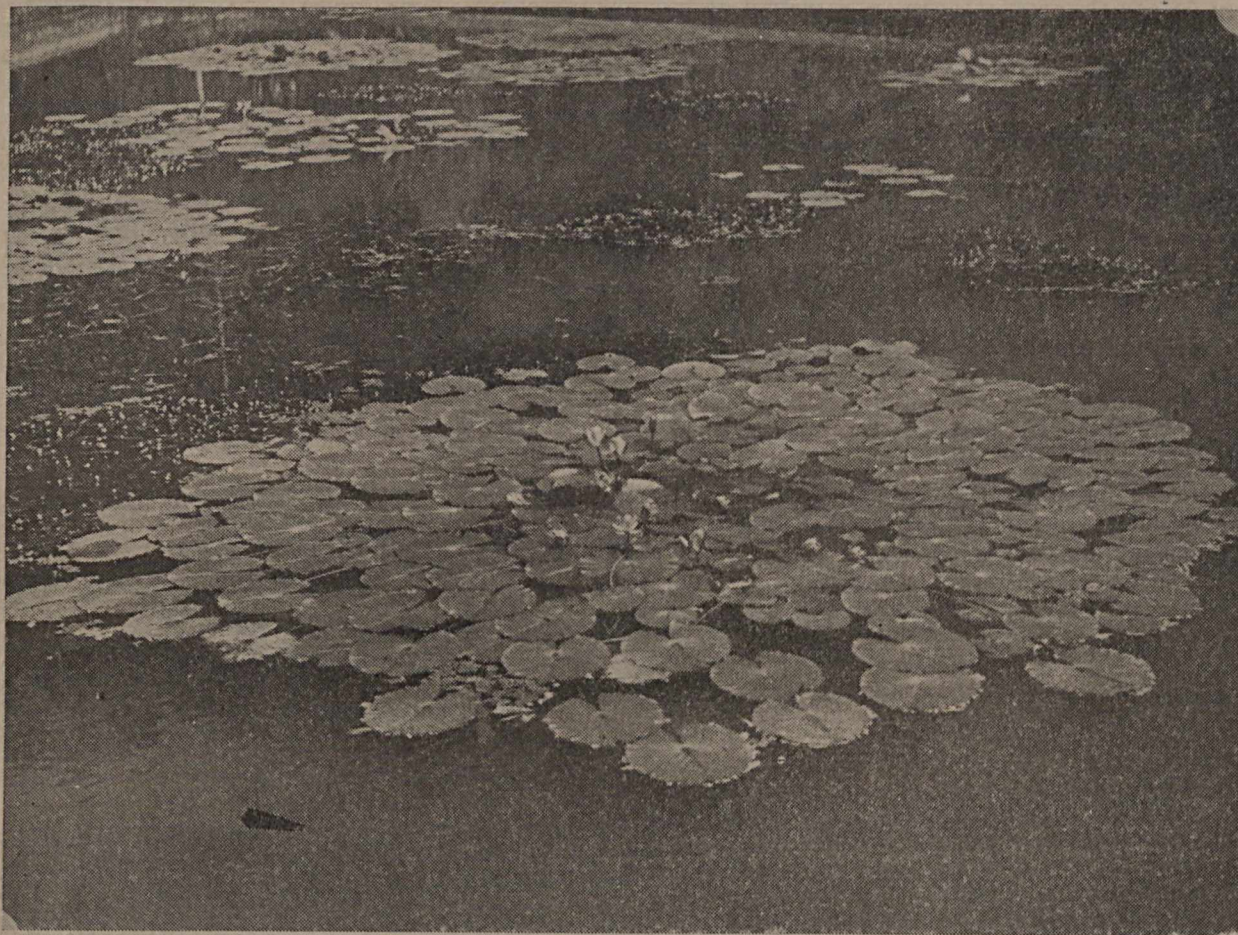
Merece especial referência o trabalho desse cientista sobre a composição da flora pteridófitas da região de Itatiaia, apresentado à Primeira Reunião Sul Americana de Botânica, realizada aqui no Rio de Janeiro em 1938 e que congregou, além de cientistas de toda a América do Sul e Central, também representantes da Inglaterra, Holanda e Alemanha. Esse trabalho do prof. Brade foi publicado na revista do Jardim Botânico *Rodriguésia* n.º XV, de junho de 1942; de 1913 a 1938, quando pela primeira vez foi publicado o referido trabalho, dedicou-se o prof. Brade ao estudo das referidas plantas na própria região de Itatiaia. Entretanto, suas observações e pesquisas sobre o assunto remontam a 1908 e prosseguem no momento. A família das pteridófitas compreende os fetos, as nosas muito conhecidas avencas, as samambaias, os xaxins, etc.

E, como tivéssemos lido recentemente o livro de Teodoro Sampaio sobre a língua tupi, veio-nos à lembrança o significado que o saudoso sábio brasileiro dá a essa palavra: "a folha que nasce encaracolada". E os indígenas observaram bem esse pormenor, como é fácil de verificar.

O prof. Brade ficou satisfeito por saber a significação da palavra samambaia. Depois tirou da



Guia pela imagem do Jardim Botânico



Nesse lago cria-se o peixe amazonense "Tucunaré", que vive em lagos e rios amazônicos

gaveta várias pastas de cartolina contendo desenhos seus sobre o gênero *Polypodium* (fetos).

Gostamos de ver a beleza desses desenhos, que reproduzem grande variedade de espécimes desses polipódios. Servirão para ilustrar uma monografia que o prof. Brade está preparando sobre o assunto. Dessa família de plantas há no Brasil cerca de 1.400 espécies diferentes, entre as quais se encontram numerosas avencas e os graciosos xaxins, muito encontrados nas nossas matas virgens.

Disse-nos o prof. Brade que seus estudos voltam-se apenas para as espécies indígenas espontâneas de nossas matas, não lhe interessando absolutamente os produtos artificiais dos jardins, conseguidos por meio de hibridações e seleções.

O prof. Brade nos mostrou ainda centenas de desenhos analíticos de flores de orquídeas, já tendo classificado grande número de espécies novas, assim como três gêneros também novos e inteiramente desconhecidos entre nós. Continua a

dedicar-se à sistemática dessas belas plantas, vulgarmente conhecidas como parasitas, cuja cultura e conservação estão no Jardim Botânico a cargo do Dr. Claudio Cecil Poland.

O prof. Brade também tem estudado nestes dois últimos anos as begônias, havendo já divulgado em vários trabalhos 25 espécies novas, todas servindo para fins ornamentais.

AS FINALIDADES DA SEÇÃO DE BOTÂNICA APLICADA

À Seção de Botânica Aplicada compete promover, em colaboração com os órgãos de ensino médico e farmacêutico do país, o melhor conhecimento das plantas medicinais indígenas e também efetuar observações e pesquisas preliminares sobre novas aplicações de plantas conhecidas ou sobre a utilização de plantas pouco conhecidas (Regimento do Serviço Florestal, art. 6.º, itens V e VI).

O prof. Brade adiantou-nos, porém, que a botânica aplicada não abrange só plantas medicinais, mas também todas as demais plantas úteis.

Acrescentou que a sua Seção, agora em organização, não poderá alcançar todo o campo da botânica aplicada, mas apenas os estudos consignados nos itens V e VI, a que acima nos referimos. Assim, pois, será completada no Jardim Botânico a coleção de plantas medicinais ali existente, visando-se sempre facilitar o ensino médico e farmacêutico e pesquisar novas aplicações dessas plantas ou das que forem depois descobertas.

NOVOS TÉCNICOS PARA A SEÇÃO DE BOTÂNICA APLICADA

Quando nos avistamos com o prof. Brade para colher estas notas fazia apenas três dias que assumira a chefia da Seção de Botânica Aplicada e daí não poder falar de forma mais demorada sobre os seus novos encargos, pois ainda estava cogitando do pessoal que com ele iria trabalhar. Havia na casa alguns técnicos interinos e agrônomos candidatos ao cargo de naturalista, aos quais pretendia primeiro ensinar botânica aplicada, para depois tê-los como assistentes efetivos.

— Então não é muito fácil recrutar desde já técnicos capazes de auxiliá-lo na Seção?

— Não é absolutamente fácil. Precisamos primeiro formá-los aqui mesmo.

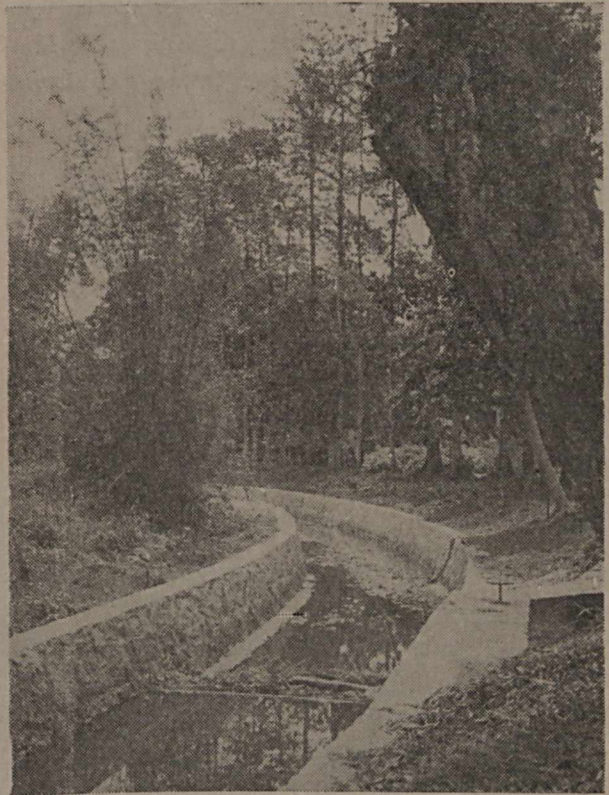
— No entanto há muita gente por aí que está ganhando dinheiro com plantas medicinais...

— Isso é outra coisa. E' fácil vender ervas, explorar tal negócio, aliás bem rendoso... A formação, entretanto, de bons técnicos no nosso meio científico sempre encontra dificuldades, decorrentes justamente da falta de recompensa material nos setores oficiais. As organizações particulares podem atraí-los mais facilmente, por lhes oferecerem remuneração superior.

O prof. Brade passou em seguida a tratar do ensino da botânica aplicada, assim nos falando:

— Pretendo com vagar estender aos alunos de todas as nossas escolas o conhecimento de grande cópia de nossas principais plantas de caráter industrial, não limitando esse ensino apenas aos estudantes de farmácia e medicina. Até mesmo os nossos estudantes de agronomia se ressentem muitas vezes de perfeito conhecimento de variedades de plantas úteis cultiváveis, por lhes faltar oportunidade de conhecê-las vivas, como se observa com o linho, a alfafa e outras, que nas proximidades desta capital não são cultivadas. Outra coisa

que precisamos organizar no Jardim Botânico é situar em determinada área uma coleção completa de todas as plantas de valor econômico, para facilitar o trabalho dos professores e, ao mesmo tempo, facilitar aos turistas estrangeiros o conhecimento de plantas úteis tropicais, que talvez só conheçam através de gravuras. Aliás — acentuou o professor Brade — não devemos pensar que só a estrangeiros possa interessar conhecer essas plantas. Aqui mesmo no Rio, quantas pessoas ignoram o que seja o pé de ervilha, o guandu ou andu, e até mesmo os cereais, como o arroz? E' verdade que nos nos-



Trecho do rio Macacos, já retificado

nos livros didáticos há gravuras dessas plantas. Entretanto, não seria mau se se fizesse completa revisão desses compêndios, que nem sempre orientam bem as crianças. Criada que seja a nossa coleção de plantas úteis, fácil será proporcionar, até aos alunos de escolas primárias, excursões ao Jardim Botânico para conhecê-las de perto. Quanto a obras de divulgação, tem o Jardim Botânico a *Rodriguésia*, revista fundada no inverno de 1935 e que, de preferência, divulga as nossas atividades. Antigamente ela saía quatro vezes por ano e agora só conseguimos vê-la publicada uma vez. Essa

publicação bem merecia ser editada com mais freqüência para uso dos estudiosos de botânica no país e no estrangeiro. Dos *Arquivos do Serviço Florestal* só puderam sair três números em cinco anos de sua existência. A *Revista do Serviço Florestal* apenas foi editada uma vez.

"ALBUM FLORÍSTICO"

Em 1940, na direção do Dr. Francisco Iglesias no Serviço Florestal, saiu a 2.^a edição do *Album Florístico*.

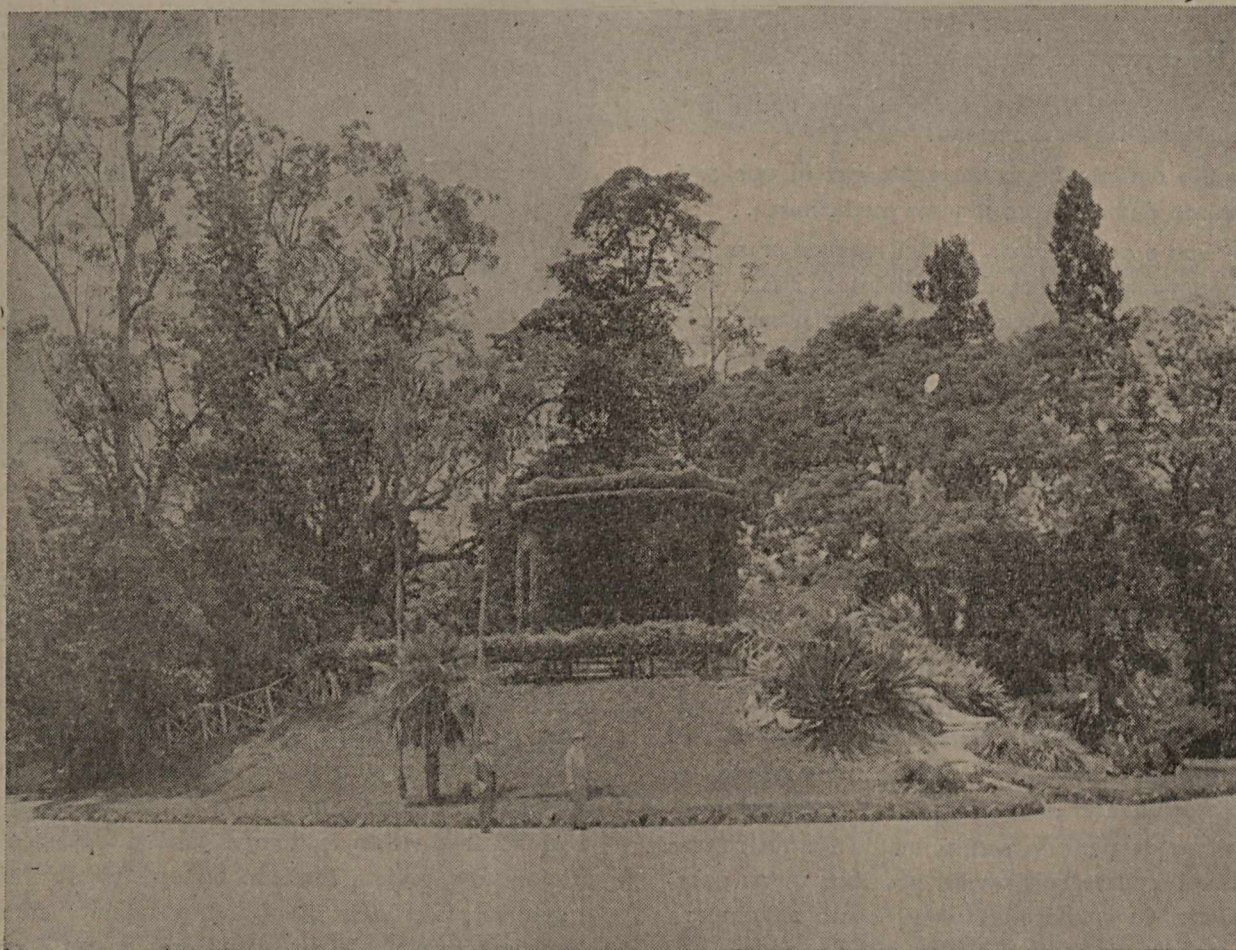
Com afetuosa dedicatória o Dr. Francisco Iglesias nos enviou essa preciosa publicação, cuja finalidade está bem expressa neste trecho da introdução por ele subscrita :

"O fim principal dêste Album — queremos que fique bem definido — é pôr sob a observação imediata dos estetas as belezas das árvores brasileiras, para que sejam transportadas das florestas, onde escondem seus encantos,

para os nossos parques e jardins, ruas e estradas, que reclamam o valioso concurso da sua graça colorida.

Visamos, finalmente, com esta contribuição, oferecer não só ao jardineiro como ao arquiteto-paisagista ou ao amador do nosso quase desconhecido mundo florístico, normas seguras que facilitem o aproveitamento dos mais nobres componentes da flora nacional. Fácil lhes será localizar os diversos grupos de árvores, de acôrdo com suas formas, tamanhos, côr das flores e época de floração — dados indispensáveis para se conseguir harmonia decorativa na arborização urbana em geral".

E, realmente, a finalidade do album prevista por Francisco Iglesias é de fácil preenchimento, tal a absoluta fidelidade observada na reprodução das árvores de ornamentação nêle estampadas. E, como se isto não bastasse, em cada página, à esquerda, se encontra precisa descrição da árvore reproduzida na da direita, permitindo ao leitor confrontar imediatamente o texto com a gravura. A descrição é encimada pelos nomes científico e vulgar da essência. No final, "observações" e informes sôbre a época da floração.



Vista externa do monumento a Frei Leandro

Melhor será transcrever aqui uma dessas descrições:

"*Swartzia Langsdorffii* Radd (Leg. Caes.)

Nome vulgar: "*Pacova de Macaco*"

Árvore com 15 a 20 mts. de altura, tronco em geral bem formado. Ramos e folhas glabros.

Folhas pinadas; pecíolo com 3,5 a 5 cm. de comprimento, raquis alado; 7 a 11 folíolos obovais ou oval elípticos, obtusos ou brevemente acuminados, coriáceos, nítidos, com 8 a 10 mm de diâmetro; pétala sésil, grande, alva, persistente por longo tempo com 3,5 a 5 cm. de diâmetro. Fruto legumen, grande, carnoso e alaranjado.

Observações — Boa apresentação ornamental, sendo dotada de ampla e bem formada copa. É comum nas encostas da Serra do Mar e de grande desenvolvimento na Flora do Distrito Federal. Recomenda-se para parques, jardins e avenidas.

Floração — Possui flores alvas e brilhantes. Floresce nos meses de novembro a janeiro".

A terceira edição do *Album Florístico* está quase terminada, devendo-se êsse trabalho ao Dr. João Augusto Falcão, diretor do Serviço Florestal.

PALAVRAS DO DIRETOR DO SERVIÇO FLORESTAL

Não deveríamos prosseguir na reportagem sem nos avistarmos com o diretor do Serviço Florestal, embora já tivéssemos sua aquiescência para realizá-la.

O Dr. João Augusto Falcão, que não conhecíamos pessoalmente, faz-nos sentar a seu lado, disposto a perder algum tempo com o repórter da *Revista do Serviço Público*.

Procuramos, logo de início, dizer-lhe de nossa satisfação em escrever sobre o Jardim Botânico, e de forma a evitar registro errado de informações que, absolutamente, não poderiam ser impressas senão com muita segurança, tanto mais quanto se tratava de divulgação de assuntos científicos. Não teríamos dúvida, mesmo, em rever depois o que foi registrado, embora certos de que as provas tipográficas passariam a seu turno por atenta revisão. E caso como o da *Flora do Sr. Martins* seria impossível, portanto, de ocorrer na *Revista do Serviço Público*...

E o Dr. João Augusto Falcão riu ao saber de nossas agruras jornalísticas.

Depois, então, entramos no assunto de nossa visita: desejávamos algumas palavras do diretor do Serviço Florestal sobre a recente reforma, autorizada em lei, dêsse órgão do Ministério da Agricultura.

— Não há muito que dizer, além do que está consignado no decreto publicado no *Diário Oficial*. Quando assumi a direção do Serviço Florestal, em maio de 1943, no ato de posse focalizei a situação singular em que se encontrava o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, de fama universal, relegado, entretanto, à condição de simples apêndice da Seção de Botânica do mesmo Serviço, por força de um regimento. Em fins de 1943, mediante prévia aquiescência e palavras de louvor do ministro



Busto de Frei Leandro do Sacramento, primeiro diretor do Jardim Botânico

Apolônio Sales, reuni os botânicos do Serviço Florestal, iniciando estudos para reformar êsse Serviço, visando não só melhorar-lhe a situação como órgão que cuida das florestas, como, principalmente, colocar o Jardim Botânico em seu justo lugar de projeção e eficiência. Dêsses estudos resultou a atual reforma, que mereceu especialíssimos cuidados do Dr. Luiz Simões Lopes, que iniciou sua vida pública no Serviço Florestal; do Dr. Moacyr Ribeiro Briggs e da bela colaboração dos senhores Custódio Martins de Almeida e Carlos Dodsworth Machado. Dessa maneira o Serviço Florestal, reestruturado recentemente, superintende além das

seções técnicas de silvicultura, propriamente ditas, o Jardim Botânico, com um diretor e três seções científicas de botânica sistemática, botânica geral e botânica aplicada, a cargo de cientistas de renome no país e no estrangeiro.

Revelamos ao Sr. João Augusto Falcão nossa estranheza quanto às acanhadas e insuficientes instalações do Serviço Florestal. A resposta nos veio imediata:

— Em fins de novembro, o Sr. Presidente da República aprovou a exposição de motivos do D.A.S.P. contendo o Plano de Obras da Dire-



Jaqueira, perto do monumento a Frei Leandro, e sob a qual se diz haver falecido o primeiro diretor do Jardim Botânico

toria do Serviço Florestal e dando meios financeiros para seu início em 1945. Tal plano resultou de uma visita feita à sede do Serviço pelo Dr. Luiz Simões Lopes, em companhia do Diretor da Divisão de Edifícios Públicos, Dr. Jorge Flores, e comitiva.

O Dr. Simões Lopes constatou "in loco" a falta de espaço, observando parte do herbário amontoada nos cantos das salas e outras falhas — não hesitando em declarar merecer seu inteiro apoio um

plano geral e eficiente de ampliação da sede do Serviço Florestal, plano aliás que, decorrido muito pouco tempo depois de sua visita, foi elaborado e já se acha devidamente aprovado.

PASSEANDO NO JARDIM BOTÂNICO EM COMPANHIA DO PROFESSOR KUHLMANN

Aceitando o honroso convite que nos fizera dois dias antes o prof. Kuhlmann, comparecemos com o nosso fotógrafo, no domingo seguinte pela manhã, ao Jardim Botânico e, na companhia do eminente cientista, passamos a percorrer todos os recantos daquele paraíso verde, onde o homem soube trabalhar a natureza, ressaltando-lhe as belezas e também os segredos no imenso campo da flora nacional, em grande parte, e de forma bem apreciável no da estrangeira.

Vamos resumir em poucas linhas o que nos disse o diretor do Jardim Botânico em referência a cada planta ou flor para a qual nos tenha chamado especialmente a atenção e dar, ao mesmo tempo, disposição tipográfica mais ou menos uniforme à transmissão ao leitor de suas observações.

Convenhamos que, a certa altura de nossa exposição, a leitura se vai tornando monótona, em chocante contraste com a explanação viva e brilhante do conversador sutil e expositor claro e persuasivo que é, de fato, o prof. Kuhlmann. Mas dessa falta não sabemos, afinal, como nos penitenciar, e a sinceridade de nossa confissão de praticá-la realmente já pode proporcionar uma pontinha de motivo para contarmos com a condescendência do leitor compreensivo e tolerante...

Somos levados também a mencionar o que vimos no Jardim Botânico sem obediência ao itinerário seguido na caminhada, porque não o assinalamos nos apontamentos tomados. E, quanto a êstes, particularmente, procuraremos acrescê-los de outros, registrados com mais segurança no *Guia dos Visitantes* e que só podem enriquecer êste trabalho. Serão, pois, assinalados com as necessárias aspas.

A ÁREA DO PARQUE

"A área do parque compreende mais de 54 hectares ou sejam 546.343m², sendo 135.182m² em matas naturais e o restante cultivado".

O ARBORETO

"O arboreto conta com cerca de 5.000 espécies devidamente classificadas, com indicações de família, gênero, espécie, país de origem, nome vulgar e utilidade, além de milhares de plantas ornamentais cultivadas em estufas e estufins, compreendendo 187 famílias botânicas, constituindo uma das maiores exposições de plantas vivas reunidas em um jardim botânico. As placas junto a cada planta registram: número de ordem da planta na coleção do Jardim Botânico; nome da família botânica, o nome científico (gênero e espécie) acompanhado da abreviatura do respectivo autor (botânico que a classificou), nome vulgar (quando tem) e país de origem".

BUSTOS DE BOTÂNICOS NOTÁVEIS

Há no Jardim Botânico, além do busto de seu fundador D. João VI, os dos seguintes botânicos notáveis:

Barbosa Rodrigues — "Grande botânico brasileiro e um dos mais devotados diretores do Jardim Botânico. As palmeiras que circundam o busto foram classificadas e plantadas por Barbosa Rodrigues".

Martius — "Sábio botânico bávaro, autor da "Flora Brasiliensis", a maior obra até agora publicada no gênero".

Augusto de Saint-Hilaire — "Botânico francês, conhecido pela vultosa obra que deixou de suas viagens no Brasil".

Publicamos em seguida outras notas sobre o histórico do Jardim Botânico e, particularmente, sobre Barbosa Rodrigues, como seu diretor, e grande estudioso no setor da fitogeografia.

BARBOSA RODRIGUES NO JARDIM BOTÂNICO

Dilka de Barbosa Rodrigues Salgado, neta de Barbosa Rodrigues, no seu livro *Uma Glória do Brasil* assim se referiu ao Jardim Botânico:

"O Jardim Botânico, de que tão justamente nos orgulhamos e que goza de invejável fama no estrangeiro, é sem dúvida o melhor legado que a inteligência, o talento, a dedicação e a atividade do Dr. Barbosa Rodrigues deixaram ao seu país natal".

Que estas palavras da grande admiradora do botânico brasileiro que foi a Imprensa, em 7 de março de 1909, sirvam de intróito ao presente capítulo.

Na verdade, esse recanto, dos mais aprazíveis do Rio, absorveu 19 anos da vida de Barbosa Rodrigues.

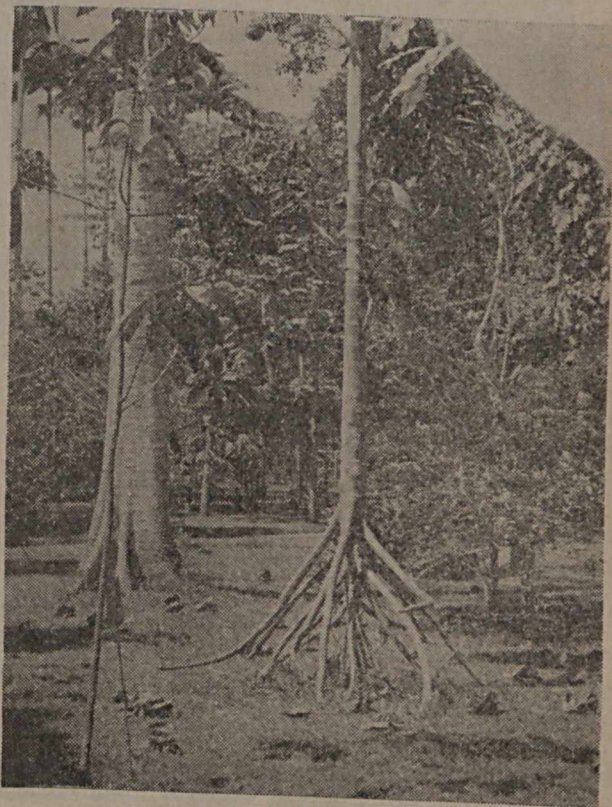
Para demonstrá-lo, basta lembrar a atitude que tomou numa ocasião em que as palmeiras do grande horto de D. João VI foram atacadas pelo cupim.

O consagrado autor do "Sertum Palmarum", como que alucinado, prevendo a morte das plantas de sua paixão, não esperou pela defesa dos empregados. Ele mesmo galgou-lhes as alturas até vê-las restabelecidas.

Acompanhemos agora, através de dados de Barbosa Rodrigues, a história daquele sítio, encravado como uma esmeralda magnífica no aristocrático bairro da Gávea.

Belas e férteis eram as margens da Lagoa "Capôpenpan" ou lagoa das raízes chatas, (do tupi "Capo" raiz, "pen" chato, "ypan" lagoa) aportuguesado na forma Sapobemba.

No tempo de Felipe III, rei de Espanha e Portugal, quando Francisco Mendonça de Vasconcelos governava o Rio de Janeiro, havia, ali, um engenho de cana, conhecido



A fotografia focaliza a "Paxiúba", palmeira amazônica, sustentada em suas raízes-suporte

pelo nome Nossa Senhora da Conceição da Lagoa, pertencente a Diogo de Amorim Soares.

Embora os terrenos de Sapobemba fossem da Câmara Municipal, Diogo os explorava em usufruto, por arrendamento enfiteutico.

Em 1609, Amorim Soares dotou com o engenho a uma filha, passando a renovação da enfiteuse para o genro, Sebastião Fagundes Varela.



Pérgua de "Primaveras" ou "Buganvílias" de vários coloridos

Em 1660, Fagundes Varela retirou-se para Portugal e vendeu a propriedade a Rodrigo de Freitas Melo e Castro. De então, a Lagoa ficou conhecida sob os dois primeiros nomes do comprador.

Quando este último, muitos anos depois, seguiu também para Portugal (Guimarães), legou os terrenos aos filhos e estes aos herdeiros que foram seus donos pelo espaço de 148 anos.

Em 1808, quando a família real portuguesa, fugindo a Junot, transmigrou-se para o Brasil, instalando-se no Rio de Janeiro, D. João, o amável regente, espírito dinâmico, sem pensar nas conseqüências de seu gesto para o patrimônio português, tratou de melhorar a vida da colônia-mor.

Dentre as regalias que concedia ao Brasil estava a instalação de uma fábrica de pólvora nos terrenos da Lagoa Rodrigo de Freitas.

Por intermédio do ministro D. Fernando José (Marquês de Aguiar) fez desapropriar os terrenos pela quantia de quarenta e dois contos cento e noventa e três mil réis (42:193\$000).

À passagem de seu aniversário natalício, a 13 de maio de 1808, D. João decretou a fundação de uma fábrica de pólvora naquele lugar.

Para dirigi-la, foi nomeado o brigadeiro Carlos Antonio Nacion, inspetor da artilharia e das fundições. O chefe da administração seria o Dr. José Mariano Pereira da Fonseca (depois, Marquês de Maricá).

Depois, inspirado pelo amor à natureza, D. João concebeu um belo plano, que era o de fazer daquele recanto um jardim onde fôssem cultivadas plantas vindas da Índia.

A 13 de junho de 1808 foi decretada a fundação do Real Hôrto.

Não foi este o primeiro parque botânico no Brasil.

Em carta-régia, de 4 de novembro de 1796, D. João criaria o hôrto público de S. José, no Pará, sob a organização do capitão-general D. Francisco De Sousa Coutinho.

As primeiras plantas cultivadas no jardim da Lagoa, no Rio de Janeiro, foram trazidas pelo refugiado Luiz Abreu, que as presenteou ao Regente.

Em 1812, Rafael Bottado, de Macau, enviou para o Rio sementes de chá.

Uma vez aclimatadas, D. João mandou vir chineses especializados na cultura desse produto.

Apesar de tudo, as amostras que foram chamadas "Acim" e "Hyson", enviadas a Londres, não tiveram aceitação.

Abandonou-se, por isso, aquele comércio.

Não diminuiu, entretanto, o interesse do Regente pelo jardim que criara.

Recompensava largamente àqueles que lhe enviassem mudas.

D. João plantou, ali, a "oreodoxa" "olerácea" — (Martius), que um chefe de divisão, refugiado da França, lhe trouxera em 1809.

E' a célebre Palmeira Real.

Para incrementar a multiplicidade das plantas, D. João inaugurou filiais em Pernambuco, Bahia, Minas e São Paulo.



Aspecto de conjunto de várias palmeiras existentes no Jardim Botânico

Quando, em 25-4-1821, D. João VI deixou o Brasil, o Jardim Botânico era já uma realidade.

D. Pedro, em vista do carinho paterno por aquele estabelecimento, amparou-o ainda mais.

Em 29 de fevereiro de 1822, o Jardim Botânico desligou-se do Museu Nacional para filiar-se ao Ministério do Interior, depois Ministério do Império.

Na Constituinte de 25 de março de 1824 o Jardim Botânico não foi esquecido.

João Severiano Maciel da Costa, que foi prêso como conspirador republicano nos acontecimentos de 26-1-1821

e pôsto em liberdade a 16 de março de 1821, foi seu diretor. Sucedeu-lhe João Gomes Silveira Mendonça.

Mas a direção do Jardim Botânico reclamava a orientação de um botânico verdadeiro. Quando aqueles dois dirigentes foram nomeados Conselheiros de Estado, (março de 1824) o Jardim passou a ser dirigido por Frei Leandro do Sacramento, eminente naturalista, primeiro professor de botânica da Academia de Medicina e Cirurgia.

Sem direção científica o Jardim, quando esse novo diretor ali chegou, oferecia um aspecto de abandono desolador.

Aplanou-o em vários lugares, construiu a cascata, mandou fazer o lago e aumentou a população vegetal do horto.

Faleceu a 1 de julho de 1829.

Substituiu-o Bernardo José de Serpa Brandão.

Por decreto de 12 de outubro de 1833, a fábrica de pólvora transferiu-se para a Estrêla.

O Jardim Botânico alargando-se, foi, então, o lugar preferido para passeios na época.

Assumiu a sua direção em 1851, após Bernardo Brandão, o senador Candido Batista de Oliveira, que fez grandes reformas na parte administrativa. Veio depois, em 1859, o Dr. Custódio Alves Serrão, frade carmelitano, antigo diretor do Museu Nacional, que deixou o cargo, em vista dos desgostos que lhe causaram naquela administração.

Passou a direção ao Dr. Glasl (18-10-1863).

Daí o Jardim Botânico começou a decair, sendo apenas um parque menos científico e mais social.

A Glasl sucedeu o Dr. Nicolau Joaquim Moreira, que sabendo inútil todo o seu desejo de uma reforma científica, pela má vontade geral, demitiu-se a 6-12-1887.

Recebeu, interinamente, o cargo de diretor do antigo Horto Real, o presidente do Instituto Fluminense de Agricultura, Dr. Pedro Dias Gordilho Paes Leme, cuja administração nada assinalou de extraordinário, deixando-a a 25-3-1890.

O barão de Capanema foi chamado para ocupar a diretoria do Jardim Botânico. Declinando do convite, recomendava ao Governo Provisório da República o seu antigo e brilhante discípulo — Barbosa Rodrigues.

A sugestão foi aceita.

Barbosa Rodrigues achava-se, então, na direção do Museu Botânico do Amazonas.

Logo que aqui chegou, tomou posse do cargo de diretor do Jardim Botânico, que vinha sendo administrado por um diretor interino.

O que foi a obra de Barbosa Rodrigues ali, desde 30 de maio de 1890, é coisa que pode ser dita em poucas palavras: foi quase a criação de um novo Jardim, em plantas e cuidados, com a dotação de um orçamento irrisório. Nivelou o terreno e abriu novos caminhos. Aumentou o número de exemplares fitológicos, proibiu a recreação no Jardim, tornando-o um lugar de verdadeira ciência.

Construiu prédios, estufas, aquário, organizou o herbário nacional e a biblioteca, os quais o Horto não possuía. Não havia "sequer um livro sobre botânica", como se vê nas palavras de Barbosa Rodrigues, testemunhadas no re-

latório da comissão de tombamento, anterior à sua chegada ao Rio.

"O grande parque assemelhava-se a uma floresta, cujos exemplares em promiscuidade não eram indicados por placa ou etiqueta", quando Barbosa Rodrigues assumiu a diretoria.

No Jardim Botânico havia apenas 500 espécies vegetais.

Em pouco, Barbosa Rodrigues o enriqueceria com 3.000 espécies, mandadas buscar de várias regiões do Brasil e da Europa.

Fêz erigir um busto a frei Leandro, o primeiro botânico diretor, com uma placa de mármore e legenda em ouro.

O Jardim Botânico é uma obra viva do autor do "Sertum Palmarum".

BARBOSA RODRIGUES E A FITOGEOGRAFIA

A *Revista Brasileira de Geografia*, órgão do Conselho Nacional de Geografia, publicou em seu número de abril-junho de 1942 interessante página sobre as atividades de Barbosa Rodrigues na fitogeografia.

Data venia, vamos transcrever em seguida esse trabalho, que constitui justa homenagem da excelente e conceituada publicação ao grande sábio brasileiro.

Barbosa Rodrigues

(1842-1909)

Não são recentes as íntimas relações da geografia com a botânica e a zoologia. A um naturalista, consumado botânico, deve mesmo o aparecimento de um dos seus mais importantes setores de estudo — a fitogeografia.

Foi pela botânica que Humboldt penetrou na geografia para não mais desligar seu nome do progresso da ciência que ajudara a definir.

Graças à sua *Flora Brasiliensis*, Martius incorporou-se definitivamente ao conhecimento do Brasil, estudando-o, botânica, etnográfica e até geograficamente, tendo, por isso, sua homenagem nesta Revista. E João Barbosa Rodrigues, "a figura mais proeminente entre os naturalistas que nasceram no Brasil", como o classificou Von Ihering, ocupando-se igualmente da botânica, da etnografia e da arqueologia brasileiras, foi, além de tudo isso, investigador minucioso na Região Amazônica, após ter recebido do Governo Imperial, em 1871, a honrosa incumbência de explorar os vales de vários rios pertencentes àquela bacia, tarefa de que se saiu galhardamente, durante os três anos em que percorreu grande parte do Amazonas e Pará.

Nascido em 1842, Barbosa Rodrigues, foi, acima de tudo, biólogo de incontestável merecimento, "comparável ao seu grande colega Martius".

Em 1869, terminado o curso de letras, empregava-se a fundo na realização do seu primeiro trabalho botânico que consistiu na monografia das orquídeas do Brasil, compre-

endendo 17 volumes, com mais de mil estampas coloridas, concluída em 1871 e intitulada *Iconographie des orchidées du Brésil*.

Enviado ao Amazonas e Pará, explorou os vales dos rios Tapajoz, Urubu, Jatapu, Uatumá, Trombetas, Iamundá e Capim, publicando cinco relatórios, cujas edições foram esgotadas em poucos meses (1875).

Tendo sido encarregado de completar, corrigir e anotar o *Genera palmarum*, de Martius, Barbosa Rodrigues prosseguiu nos estudos das palmeiras, escrevendo várias monografias, e o início da obra clássica, com 174 estampas, aquareladas pelo próprio autor, constante de dois volumes — *Sertum Palmarum Brasiliensis* — publicados pelo Governo em 1903.

Sua obra, constante de 85 volumes, é considerável. Porém, entretanto, figurar como das mais expressivas, no domínio da botânica, *Mirtáceas do Paraguai*, *Palmae Matto-*



Interessante recanto do Jardim Botânico, a "Região Amazônica", no qual se vêem exemplares da bela "Vitória Régia"; da "Paxiúba", bem perto da casa de caboclo; e em frente a esta, um "Buriti", tão abundante no norte do país

grossensis, *Enumeratio Palmarum Novarum*, *Genere et Spc. Orchidearum* e o *Sertum Palmarum*, naturalmente, onde 382 espécies aparecem estudadas, excluindo as variedades, das quais 166, ou seja a metade, foram descobertas por Barbosa Rodrigues. Além disso, no periódico "Velósia", deu a público os resultados de suas investigações botânicas no Amazonas, durante o tempo em que foi Diretor do Museu Botânico, daquela unidade do país (1883).

Nomeado Diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, em 25 de março de 1890, permaneceu à testa do mesmo, até a sua morte, em 6 de março de 1909.

Em matéria de etnografia prestou grandes serviços ao país, enriquecendo o conhecimento das línguas indígenas com numerosas contribuições, sendo a *Poranduba* significativa a este respeito.

Colecionando exemplares de *Muyrakitans*, artefatos de pedra polida zoo e antropomorfos, ou coligindo informações sobre as tribus selvagens, com as quais entrara em contacto, catequizando e aldeando os *Crichanãs*, Barbosa Rodrigues foi um trabalhador infatigável.

No setor geográfico de sua grande e atormentada atividade, embora não fôsse um especialista, realizou explorações e observações científicas de inegável valor. No estudo do rio Urubu e vila de Silves, ao lado de expressões em que ressalta modestamente o seu "pouco saber", demonstra probidade científica na desincumbência da difícil missão geográfica.

Na exploração e estudos do rio Tapajoz, observa usos e costumes e refuta a fantasia de Bates, em *The naturalist on the Amazonas*.

No curso inferior do rio, não somente se preocupa com a vegetação: aprofunda as indagações sobre os extin-

tos índios Tapajoz, explorando a Serra de Piquiatuba, no lugar Taperinha. Em seguida investigou os sernambis das redondezas e abordando a questão do lançamento do Tapajoz, no Amazonas, mediante delta, contesta peremptoriamente o fato, com argumentos baseados na vegetação e na diferença da flora e fauna entre o Tapajoz e o Amazonas.

Nos rios Urubu e Jatapu faz história a etnografia, crítica Liais, em matéria de etimologia nomenclaturista, dá nomes a localidades e levanta a planta do primeiro citado curso d'água.

Explorando o curso e riquezas naturais do Jatapu, afluente do Uatumá, habitado pelos *Pariquis*, mostrou-se satisfeito por se tratar de um dos mais desconhecidos rios do Amazonas e por haver encontrado novidades para a ciência, ao desfazer, por exemplo, erros contidos até em publicações oficiais, a propósito da embocadura do rio.

O relatório referente ao rio Trombetas, escrito em Óbidos, em abril de 1874, encerra farta descrição geográfica, de vez que, com exceção de R. Spruce, jamais havia sido aquele rio, até à época, explorado por um naturalista.

Mostrando como era conhecido, descrevendo, segundo a derrota da viagem, resumindo geograficamente o curso, Barbosa Rodrigues realizou depois do rio Iamundá, na foz



Estufa-mostruário com orquídeas em flor

do Caldeirão, importantes investigações, entre as quais sondagens, tomadas de temperatura, exames de correntes e os efeitos das enchentes do Amazonas sobre o comportamento dos terrenos na área correspondente às embocaduras fluviais.

Em outubro de 1874, explora o Alto Iamundá, deixando, para os estudos do rio Capim, a cidade de Óbidos, que funcionara como centro das explorações, durante algum tempo da sua estadia, na Amazônia.

No Rio Capim estudou a geografia, a história e a etnografia da região, tendo ainda observado a *pororoca*, cuja causa demonstrou, mediante figuras imaginárias, representando um plano vertical-longitudinal e outro vertical-transversal.



Lago Frei Leandro, vendo-se no primeiro plano a "Macau-beira" e, no próprio lago, belas ninféias. Ao fundo, destaca-se uma formação da "árvore do viajante", como é conhecida no Brasil essa espécie de musácea, proveniente da Ásia

Os últimos trabalhos de Barbosa Rodrigues, pouco antes de morrer, foram o estudo da diminuição das águas no Brasil e o livro acerca dos vulcões e tremores de terra no mundo.

O BUSTO DE FREI LEANDRO

Num dos mais belos recantos do Jardim Botânico e em pequena eminência ao lado de gracioso lago, encontra-se o busto de Frei Leandro, primeiro diretor do Jardim. A herma acha-se num abrigo, de cobertura de vidro e paredes recobertas de

hera, e pode ser vista de perto, depois de pequeno acesso por graciosa escada, em largos degraus de piso tosco, imitação de granito. Na base da herma vê-se esta inscrição:

MEMORIAE
FR. LEANDRI SACRAMENTO
CARMILITARUM ORDINIS
CONIMBRINCENSIS UNIVERSITATE
SCIENTIIS NATURALIBUS DOCTI
PRIMI HERBARIAE PROFESSORIS
MEDICAL SCHOLAE
FLUMINIS JANUARI
HUJUSQUE HORTI
PRIMI TECHNICI DIRECTOR
HOC MONUMENTUM
SEXAGESIMO MORTIS ANNIVERSARIO
CALENDIS JULII MDCCCXIII
JOANNES RODRIGUES BARBOSA
TUNC EJUSDEM HORTI DIRECTOR
PUBLICI AERARII AUXILIO
ERIGENDAM
CURAVIT

Não nos detemos a descrever êsse recanto do Jardim, onde se evoca a venerável figura de Frei Leandro, porque a fotografia basta para dar ao leitor impressão muito aproximada de tudo ali: a pequena praça, o lago e a vegetação em tórno.

O LIT-CHI

Podemos agora ir registrando as informações que o prof. Kuhlmann nos proporcionou durante o passeio pelo parque. Logo perto do portão de entrada, ao lado do pavilhão direito, velha árvore nos passaria despercebida, entre duas palmeiras da alameda, se assim não fôssemos informados de seu valor:

— E' um Lit-Chi, que produz a fruta nacional da China. Aqui há outros exemplares, mas êste é dos mais velhos. Talvez seja mesmo dos tempos coloniais.

— E a fruta do Lit-Chi é boa?

— Excelente. Vermelha, do tamanho de um morango, tem ela a semente envolvida por uma polpa carnosa, de um doce muito delicado.

AS PALMEIRAS

— Como vê, temos aqui duas grandes alamedas de palmeiras, tôdas elas filhas da "Palmeira Mater", que está destacada, em meio do Jardim. Depois iremos vê-la. Esta alameda em que nos encontramos é paralela à rua, tem 550 metros de extensão e se acha dotada de 142 palmeiras.

— Qual é a altura, mais ou menos, de cada palmeira?

— Trinta, trinta e um ou trinta e dois metros. A “Mater” é mais alta: tem 35. Anteontem, depois que o senhor saiu de meu gabinete, apareceu aqui um grupo de franceses, membros de missão em estudos. Ficaram até ao escurecer. Mostraram-se todos empolgados por êste quadro, que consideraram “monumental”! E aquela outra alameda, fronteira à entrada do Jardim, é mais extensa ainda: tem 640 metros, mas o número de palmeiras não excede de 128, sendo 64 em cada lado.

— E algumas estão revestidas de plantas aderentes...

— Exato. São principalmente vegetais inferiores, líquens e musgos, que lhes dão aquela apresentação esbranquiçada. Mais algumas, como essas ali, suportam outros vegetais, como *Bromeliáceas*, *Cactáceas* e *Orquidáceas*.

Vimos depois a “Palmeira Mater”, tendo à pouca distância o busto de D. João VI. Lê-se na base esta inscrição:

D. João VI
Fundador dêste
Jardim
13 de junho de 1808
13 de junho de 1908

Junto da “Palmeira Mater”, encontra-se numa lápide de mármore a seguinte legenda:

“Jardim Botânico
Oreodoxa Oleracea Mart
PALMEIRA MATER
das de sua especie cultivadas
no Brasil
Plantada por D. João VI
em 1808”.

E o prof. Kuhlmann disse-nos então:

— Temos cuidados especiais com esta palmeira. Por várias vêzes empregados do Jardim foram até lá em cima, às fôlhas...

— P’ra que?

— Para livrá-las das lagartas. E que trabalhadeira isso nos dá! Precisamos emendar várias escadas até alcançar as fôlhas. Da última limpeza, foram retirados três quilos de lagartas que as estavam atacando.

E ficamos embevecidos contemplando a bela palmeira, enquanto o nosso fotógrafo, à distância,

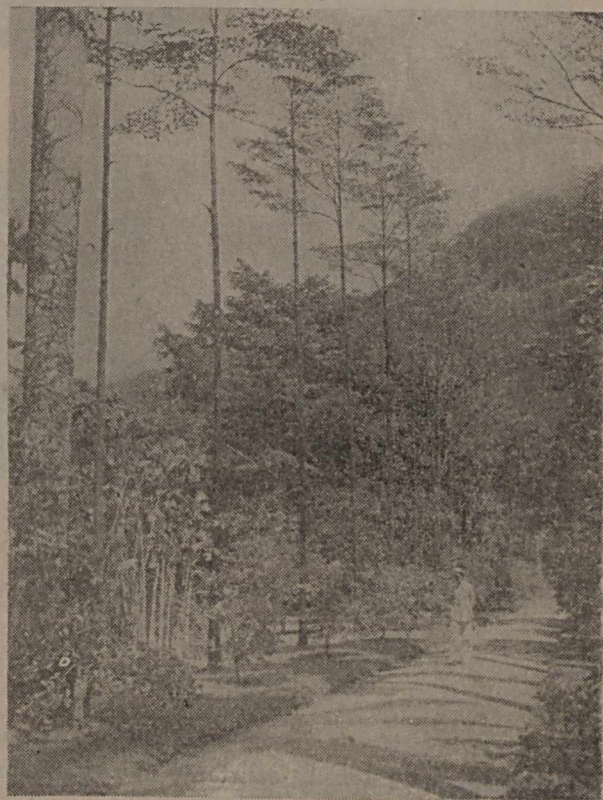
procurava um jeitinho de fotografá-la tôda. No fim de certo tempo, disse-nos desolado:

— Não é possível!

— Como não é possível se já temos visto várias fotografias desta palmeira?

— Também eu. Mas é preciso saber que a máquina fotográfica precisa de lente especial, que eu não trouxe.

Em redor, árvores copadas e tufos em flor, de numerosos arbustos, compõem aquêlo sítio assinalado de forma tão expressiva e sedutora. E a “Pal-

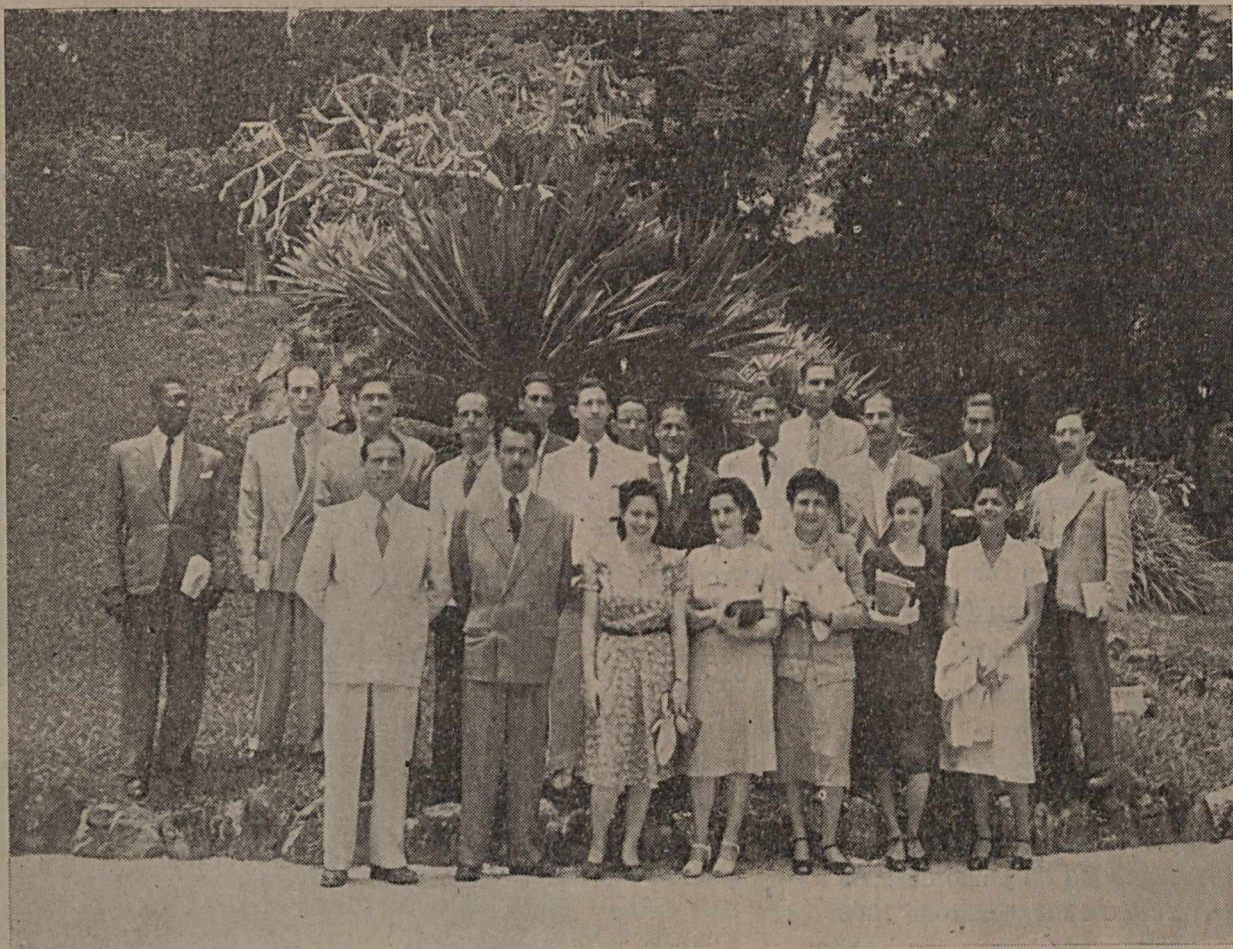


Aléia constituída de belos exemplares do nosso “Pau Mulato”, o *Calycophyllum Spruceanum*, que tanta admiração causou ao Rei Alberto, quando de sua visita ao Jardim Botânico

meira Mater” faz-nos lembrar então êstes versos de Alberto de Oliveira:

“Ser palmeira! existir num píncaro azulado,
vendo as nuvens mais perto e as estrêlas em bando!
dar ao sôpro do mar o seio perfumado,
ora os leques abrindo, ora os leques fechando;
só de meu cimo, só de meu trono, os rumores
do dia ouvir, nascendo o primeiro arrebol;
e no azul dialogar com o espírito das flores,
que invisível ascende e vai falar ao sol;

.....



Alunos de um curso de botânica popular mantido no Jardim Botânico

"PAU BRASIL"

Ali mesmo perto da "Palmeira Mater" estende-se a aléia de "Pau Brasil", constante de nove exemplares.

Vimos um jovem exemplar que, na véspera da nossa visita, florescera pela primeira vez, mas escassamente.

Destacado da fila dos nove exemplares, encontra-se o que fôra plantado em 7 de abril de 1934 pelo ex-ministro da Agricultura, major Juarez Távora.

A "COURROUPITA"

Não vamos descrevê-la. Já o fizemos através da transcrição da notícia publicada no *Correio da Manhã*. Aludimos também ao interêsse que no momento essa essência estava despertando com sua inflorescência. Observâmo-lo desde a portaria do Jardim, no primeiro dia desta reportagem.

O prof. Kuhlmann, segurando-nos o braço, apontou com sua varinha de junco lá para a margem direita do rio Macacos, dizendo-nos, satisfeito:

— Olhe p'ra lá. Observe aquêlê cavalheiro postado diante daquela árvore alta... Eu já sei o que êle está fazendo...

— Interessante! Êle fica perto da árvore e depois afasta-se, em contemplação. Deve ser, realmente, coisa muito interessante...

— E é de fato. Pois aquela árvore é a *Couroupita*...

— Ah! Então vamos vê-la também.

E depois apareceu outro visitante, admirador da *Couroupita*, como o anterior. E, como era natural, começaram os dois a trocar impressões. O primeiro por fim sentou-se num banco defronte da atraente árvore. Com a nossa aproximação veio com o outro novamente para junto da *Couroupita*. Ficamos satisfeitos em reconhecê-lo: era o professor Gavião Gonzaga, que, aproveitando aquela

manhã de domingo, fôra atraído ao Jardim Botânico pela notícia publicada pelo *Carreio da Manhã*.

O outro admirador da maravilhosa inflorescência da curiosa árvore era o Dr. Luiz Siqueira, antigo bibliotecário da Escola de Belas Artes e que, depois de lidar durante mais de trinta anos com livros, passou agora a apreciar as curiosidades da nossa flora. E a propósito de botânicos amadores referiu-nos depois o prof. Kuhlmann:

— Na minha vida aqui no Jardim Botânico, tenho encontrado pessoas assim, como o seu amigo Dr. Gavião Gonzaga e aquêlo outro senhor. Co-



Busto de D. João VI, fundador do Jardim Botânico. Logo atrás, vê-se parte do estipe da célebre "Palma Mater"

neço um oficial do Exército que já está bem familiarizado com muita coisa interessante da botânica. Não lhe quero declinar o nome porque não sei se gostaria.

Também os pintores, com freqüência, procuram o Jardim Botânico. Vimos lá Henrique Sálvio a fixar na tela um grupo de árvores majestosas. E a inflorescência da *Couroupita*, a pintora Ilnah Coelho aproveitou em tempo, em interessante e vistoso trabalho.

À distância, dois grupos de rapazes e moças percorriam com vagar o parque, parando a cada instante: eram alunos de botânica. Falaremos mais adiante dêsse ensino no Jardim.

A "VITÓRIA RÉGIA"

Não gostamos da "Vitória Régia" do Jardim Botânico: Pequenos os exemplares que lá figuram num lago da "Região Amazônica". Talvez um dia se tornem realmente interessantes.

— Não está vendo ali aquelas duas varas a repontar da superfície do lago? Elas estão assinando, desde já, a área que mais tarde deverão ocupar as duas "Vitórias" pequenas, quando se desenvolverem.

E, assim, o prof. Kuhlmann nos tirou um pouco da decepção em que nos afundáramos...

O "PAU MULATO"

Calycophyllum Spruceanum... Trocando-se por miúdos êsse arrevezadíssimo nome greco-latino, encontra-se na linguagem de nossos caipiras êste: *Pau Mulato*, nome ultra vulgar de árvore de tão nobre e inconfundível porte, que desperta logo a admiração do visitante do Jardim. Muito alta, seu tronco, bem liso, parece de bronze. Dá idéia até de árvore artificial...

Sua descrição está assim feita no *Guia do Visitante*:

"Árvore de porte ereto, caule perfeitamente liso e côr de bronze, apresentando a particularidade de perder os galhos, que se quebram e caem, naturalmente, cicatrizando-se o lugar da incisão a ponto de desaparecer qualquer marca de existência dos ramos. Além disso o *Pau Mulato* muda a casca uma vez por ano, adquirindo nessa ocasião (julho ou agosto) todo o tronco bela côr de zarcão (mínio); após a queda natural da casca, o caule apresenta coloração verde, que aos poucos se transforma em côr de bronze. A aléia "J. Campos Porto", arborizada com dezenas de "Paus Mulatos", constituirá em breve uma das belezas do Jardim Botânico, comparada ao encanto das alamedas de palmeiras reais".

Nesta reportagem figura uma fotografia do "Pau Mulato", ou, como quiserem, *Calycophyllum Spruceanum*... A primeira plantação de "Pau Mulato", em larga escala, encontra-se no Hôrtio Florestal de Santa Cruz, do Serviço Florestal, onde estão em crescimento 4.500 exemplares.

VELHAS MANGUEIRAS

A aléia "Barão de Capanema" é tôda formada de mangueiras velhíssimas.

Pintor ou poeta encontrará sempre nessa aléia excelente motivo para seus trabalhos.

E' de evocação e saudade o recinto formado por tantas árvores velhas, rugosas, como que escolhidas pelo Tempo para nos advertir de que êle também sabe conservar com beleza o que foi belo...

E Olavo Bilac, falando de velhas árvores, assim lhes ressalta a glória da alegria e da bondade:

Velhas árvores

Olha estas velhas árvores, mais belas do que as árvores novas, mais amigas, tanto mais belas quanto mais antigas, vencedoras da idade e das procelas.

O homem, a fera e o inseto à sombra delas vivem, livres de fomes e fadigas; e em seus galhos abrigam-se as cantigas e os amores das aves tagarelas.

Não choremos, amigo, a mocidade. Envelheçamos rindo, envelheçamos como as árvores fortes envelhecem:

Na glória da alegria e da bondade, agasalhando os pássaros nos ramos, dando sombra e consôlo aos que padecem.

O Prof. Kuhlman, com sua varinha de junco, vai apontando ao repórter sonhador os indícios dessa velhice, que poderíamos dizer generosa, pois os troncos das velhas árvores acolhem vegetais outros, de vários gêneros, e os ostentam orgulhosamente.

— Êsses aderentes das vovós mangueiras são, entre outros, os *Rhipsalis* e os *Tillandsia*. Como estão vigorosos!

E, depois, passou a falar-nos noutros aproveitadores das velhas mangueiras, os quais lhes exploram as brocas, tão profundas, que até parecem cavernas: são os morcegos.

— Morcegos?

— Sim, os morcegos. Mas êstes não são vampiros; não gostam de sangue dos outros animais. Preferem alimento mais fino: o néctar das flores. E aqui está o vestígio dêles no tronco desta man-

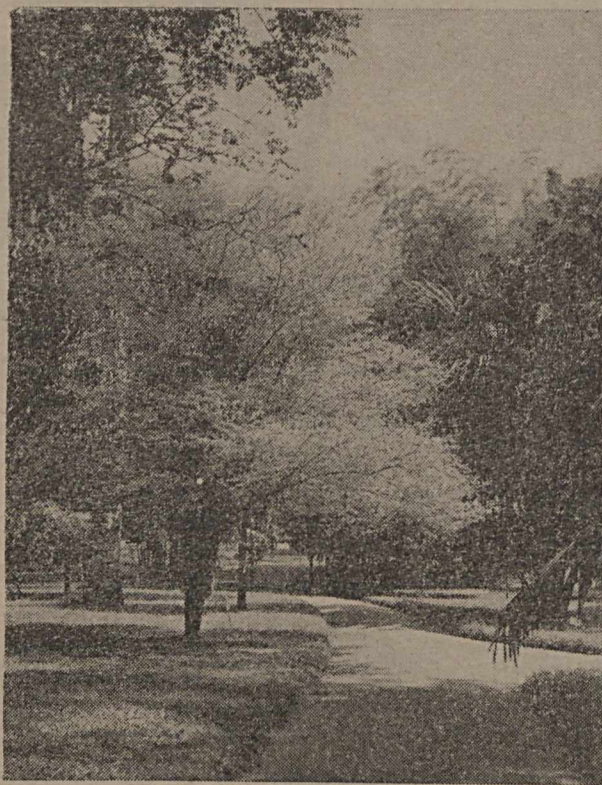
gueira e ali a toca dos bichos... Ah! mas que pena!

E o Prof. Kuhlmann mostrou-se aborrecido.

— Um perverso qualquer tampou com aquela pedra a entrada da broca da mangueira. E o amigo pode calcular o que aconteceu: os morcegos morreram todos sufocados.

O DEUS DAS FLORES

Passamos por um conjunto de Amarilidáceas e entre elas vimos a estátua de Xochipilli — o Deus das Flores, das tribus Aztecas, oferta do embaixador D. Alfonso Reyes ao Jardim Botânico.



A fotografia reproduz uma espécie de Ameixeira de Madagascar, com sua coloração característica de renovação de folhas, surpreendida no mês de novembro

Não gostamos nem da cara dêsse Deus das Flores nem de seu nome. E' possível, todavia, tenha êle história muito bonita lá no México distante e tão bonita quanto o gesto simpático do embaixador do grande país amigo do Brasil, brindando-nos com essa estátua. E' possível, mas enquanto não lhe soubermos a história ou lenda, continuaremos a achá-lo quase feio...

O "EMBRUÇU VERMELHO"

O Prof. Kuhlmann, diante de bonita árvore, faz-nos parar um instante, informando-nos:

— Esta árvore é muito curiosa: na época de sua floração, o desabrochar de suas flores dá-se pouco depois das 6 horas da tarde, verificando-se bruscamente a abertura da corola. No momento dessa abertura, os segmentos se enrolam e, momentos após, aparecem grandes morcegos à procura do néctar da flor, que é esbranquiçada e rescedente, e com mais de um decímetro de com-



Grupo de palmeiras "Assai", de cujo fruto se faz o famoso vinho de assai, tão apreciado pelos paraenses e amazonenses

primento. Aliás, os morcegos manifestam predileção pelo néctar dessa flor e também pelo das seguintes essências: visgueiro, piteira e sisaleiro.

UM ABACAXI MINÚSCULO

Parecia de brincadeira, mas era abacaxi mesmo, de verdade: um abacaxi minúsculo, proveniente do Amazonas.

O ORQUIDÁRIO

Visitamos também o orquidário, instalado em duas estufas envidraçadas, em pérgulas e planta-

ções ao ar livre, em dracenas. A fotografia dá idéia melhor do orquidário e, se nos fôsse possível, na paginação desta reportagem, colocaríamos sempre a fotografia ao lado do texto correspondente, a fim de tornar a leitura menos fastidiosa.

E o Prof. Kuhlmann discorre ligeiramente sobre as orquídeas, falando-nos nas *catiléas*, de quatro massas polínicas, e nas *laélias*, de oito. Vimos uma orquídea terrestre, a *sokrália*. No Alto Tapajoz o Prof. Kuhlmann teve que varar a facão uma formação de *sobrálias*, tal a sua densidade e extensão!

Um catazetum (orquídea) tem um dispositivo especial para arrojear as suas massas polínicas sobre os insetos que o visitam, os quais levam esse polen de uma flor a outra, dando-se assim a polinização cruzada.

A "ARISTOLÓQUIA GIGÂNTEA"

Muito interessante a flor da *Aristolóquia gigantea*: ela retém insetos, mas não o faz inutilmente. Procura detê-los o tempo necessário à formação de sua autopolinização.

A *aristolóquia ridícula* dá uma flor que se assemelha, na forma, com as orelhas de burro.

A *aristolóquia paulistana* — Sua flor faz lembrar um pássaro com o bico aberto.

BEGÔNIAS, AVENCAS E SAMAMBAIAS

Muito rica a coleção de begônias, avencas e samambaias do Jardim Botânico.

Como são bonitas as glocínias!

A PÉRGULA DO ESPÍRITO SANTO

Com auxílio do Governo do Espírito Santo foi construída uma pérgula, toda ocupada com samambaias pendentes. Agradável o efeito do conjunto dessa planta, muito decorativa e própria para varandas residenciais.

PEIXES DA AMAZÔNIA

Perto dessa pérgula encontra-se um lago, com alguns peixes da Amazônia, sendo de notar o *tucunaré*, que o Dr. Kuhlmann nos informou ser de excelente carne.

O "BORI DA PRAIA"

O *Bori da praia* produz nas folhas uma cera, conforme verificamos acendendo um fósforo sob uma folha, dando-se logo a fusão.

O "CHICLE"

E' uma apocinácea o *Chicle*, que produz muito leite, bastando fazer-lhe no tronco pequena incisão.

— Ah!, então é com êsse leite que os americanos fazem o seu chicle?

— Não, respondeu-nos o Prof. Kuhlmann. O chicle americano é feito de leite do sapotizeiro.

No Jardim Botânico só há aquêle exemplar de *Chicle*, e o Prof. Kuhlmann é o autor da espécie.

A "SAPOTA DO PERU" E O "GUARANÁ"

A "*Sapota do Peru*" dá um bom fruto, que se come de manhã.

O *Guaraná* nos causou surpresa. Pensávamos fôsse árvore de apresentação comum. E, no entanto, assemelha-se muito à videira, alastrando-se por uma latada. Seus frutos são produzidos em cachos, como uvas, e de côr amarela ou vermelha, conforme a idade.

A "PAXIÚBA", O "DENDÊZEIRO" E A "JARINA"

Palmeira interessante é a *Paxiúba*: o seu estipe, ao aproximar-se do solo, bifurca-se em várias raízes, como se estivessem a escorá-lo. Damos nesta reportagem uma fotografia da *Paxiúba*.

Como é bonito o *Dendêzeiro* novo! Suas fôlhas, muito compridas, chegam a recurvar-se tocando o chão, espalhando sombra.

O azeite de dendê é muito conhecido, e os baianos dêle quase chegam a fazer sorvete!

A *Jarina* fornece-nos o marfim vegetal.

A "BOLACHEIRA" E A "CUTITIRIBÁ"

A "*Bolacheira*" dá um fruto parecido com bolacha, que — é bom que se saiba — não se pode comer.

Já a *Cutitiribá* produz fruto muito gostoso.



"Bussú", a curiosa palmeira do Amazonas, que tem o seu futuro cacho envolvido por uma espata, cujo tecido se assemelha a uma trama

O "BUSSU" E O "ANDAUASSU"

São duas essências do Amazonas. O *Bussu* fornece palha para fazer chapéu de senhora. (Veja fotografia).

O *Andauassu*, além de fornecer madeira de primeira ordem, produz ainda uma semente medicinal. Há no Amazonas uma lei proibindo a derrubada dessa árvore. No Jardim Botânico existe uma aléia inteira de andauassus.

A "GARDÊNIA"

A *Gardênia* produz uma flor que faz lembrar a camélia, e é muito cheirosa. Trata-se de uma rubiácea.

A ÁRVORE QUE PRODUZ BREU

O *Bacurubú* produz breu, encontrado na resina que cobre o tronco da árvore e em quantidade crescente à proporção que este sobe.

A "TECA" E O "IPÊ-PEROBA"

A *Teca*, proveniente da África, produz madeira para construções navais.

O *Ipê-peroba*, que é nosso, preconizado para substituir a teca nessas construções e empregado na fabricação de tonéis, é considerado a essência n.º 2 do Brasil, já que o pinho do Paraná é a essência n.º 1.

NA SEÇÃO DE BOTÂNICA SISTEMÁTICA

Dirige a Seção de Botânica Sistemática o Dr. Liberato Joaquim Barroso, que antes chefou a Seção de Silvicultura, do Serviço Florestal, e foi diretor da Estação Experimental de Santo Antônio, do Ministério da Agricultura, no Ceará. Nessas funções pôde criar uma variedade de algodão, a que denominou "Iracema", em homenagem à sua terra natal. Trabalhou também em algodão, no Rio Grande do Norte.

O Dr. João Augusto Falcão, quando chefe da Seção do Fomento Agrícola em Sergipe, designou o Dr. Liberato Barroso para estagiar na Diretoria desse serviço aqui no Rio. Daí a oportunidade que se ofereceu a esse técnico para dedicar-se ao estudo da botânica, na parte da sistemática, e no qual sempre foi orientado pelos professores Kuhlmann e Brade.

CONVERSANDO COM O DR. LIBERATO JOAQUIM BARROSO

O Prof. Curt Brade, depois de haver passado por terrível "martelamento" de perguntas, a que resistiu heróicamente, fez-nos ainda a gentileza de levar-nos à presença do chefe da Seção de Botânica Sistemática, dizendo-lhe de nossa intenção também de torturá-lo...

Essa seção acha-se funcionando no pavimento térreo do edifício de administração do Jardim Bo-



Aléia de coqueiros, vendo-se em primeiro plano pés de piassava e outras palmeiras

tânico. Talvez disséssemos com mais propriedade no porão... Mas, como observamos também, há mesmo falta de espaço na casa, cujos serviços estão sempre crescendo. Como registramos linhas atrás, já no corrente ano de 1945 terão início as obras de ampliação da sede do Serviço Florestal, beneficiando-se com isso também os serviços do Jardim Botânico.

POR NADA SABER, TUDO PERGUNTA...

— Mas, Dr. Liberato, por que *Botânica Sistemática*?

— A Seção de Botânica Sistemática faz a identificação dos vegetais de nossa flora e dos exóticos introduzidos no país.

— E como se faz essa identificação?

— No processo de identificação de um vegetal temos que considerar o conjunto de seus caracteres morfológicos para precisar a família, a espécie e o gênero a que ele pertence. Há vários processos de identificação, baseando-se grande parte deles no exame da flor.

— Naturalmente os nossos botânicos dispõem de farta bibliografia para orientar-se no estudo da sistemática...

— Quase nada. Dispomos, em português, apenas do *Manual* de Alberto Löfgren, e este mesmo só para os vegetais superiores.

— E por que o senhor diz vegetais superiores?

— Nesse andar o senhor acaba fazendo-nos indagações que só podem ser devidamente respondidas em aula de botânica...

Realmente já estávamos procurando saber mesmo muita coisa... Voltamos, portanto, aos livros de botânica necessários à sistemática, tendo o gentilíssimo Dr. Liberato Barroso acrescentado:

— Mas, como estava dizendo, só dispomos do *Manual* de Löfgren e, em virtude da falta de livros atualizados no assunto e das deficiências das chaves antigas, sempre pensamos nessas dificuldades, elaborando trabalhos acessíveis a todos aqueles que tenham rudimentos de morfologia. Assim é que já publicamos, em separata da revista *Rodriguésia*, uma chave para a identificação das classes dos vegetais superiores. Pelos resultados já obtidos com os nossos alunos, essa chave nos satisfaz plenamente e, como é para eles que trabalhamos, eis a razão de sua apresentação. Publicamos outras chaves para determinação de gêneros brasileiros e exóticos das dicotiledôneas mais cultivadas no Brasil, com 144 famílias abrangendo 837 gêneros. Esse trabalho constitui o 1.º volume. Há também chaves sobre as leguminosas e que formam o 2.º volume. Outras ainda completam o 3.º volume, e são referentes às euforbiáceas.

— Agradamos muito poder registrar em nossa reportagem essa contribuição ao estudo da botânica sistemática, reveladora, sem dúvida, de seu esforço, de sua dedicação à matéria.

— Muito obrigado. Trabalhamos aqui sempre com muito boa vontade, e, afinal, nos sentimos con-

tentes em criar alguma coisa de útil e proveitoso a todos.

— Não há dúvida. E Ferrero já o disse uma vez com muita razão: *Solo chi crea è felice*...

E o Dr. Liberato Barroso assim prosseguiu:

— Além das chaves a que já me referi, remeti ainda à Imprensa Nacional os originais de mais dois trabalhos meus sobre as *Hidrofíláceas* e as *Geraniáceas*, ambas no mundo, isto é, nestes últimos estão incluídos todos os gêneros existentes na terra. Publicados que sejam esses trabalhos, não só os nossos estudantes de botânica vão ficar com fontes atualizadas daquelas famílias como também quantos se dediquem no estrangeiro ao estudo da sistemática vegetal.

CHAVES PARA IDENTIFICAÇÃO DAS FAMÍLIAS DAS ÁRVORES

O Dr. Liberato Barroso pôde ainda aludir à possibilidade de conseguir oferecer aos nossos silvicultores interessante contribuição sobre a sistemática de nossas árvores, organizando chaves para sua identificação, trabalho esse que já está em elaboração.

E, a propósito, acrescentou:

— Jogando com caracteres macroscópicos, pode o silvicultor determinar com facilidade a que família, gênero e espécie pertence determinada árvore.

ORIGEM DOS GÊNEROS DE ALGUMAS FAMÍLIAS DOS VEGETAIS SUPERIORES

E mal o Dr. Liberato Barroso acabou de falar sobre esses trabalhos de sua autoria, passamos novamente a querer saber outras coisas. Muito indulgente, não procurava fugir às impertinências de nossa curiosidade.

— O estudo da botânica é realmente muito atraente, mas os nomes complicados é que dificultam tudo...

— Não é tanto assim. Se o principiante procurar saber a origem desses nomes não há razão, depois, para atrapalhar-se. Como vê, pesquisar é o nosso lema... E há nomes tão bonitos em botânica! Veja estes:

Nama — torrente d'água

Wigandia — nome formado em homenagem ao bispo Wigand

Phacélia — fascículos

Nemophila — amar a floresta

Hydrolea — de água

Emmenante — flor que permanece

Ellisia — em honra a John Ellis

Balbisia — em honra ao professor de botânica G. B. Balbis.

Rhynchotheca — bolsa bicuda.

E o Dr. Liberato Barroso, interrompendo o que nos dizia, fêz-nos essa observação:

— Se fôr tomar nota de tudo quanto lhe estou dizendo, o senhor organizará em sua reportagem verdadeiro glossário sobre botânica...

E, afinal, tinha razão o Dr. Liberato Barroso. Com a nossa conversa estávamos perturbando também o trabalho de sua auxiliar, D. Graziela Maciel Barroso e do naturalista Joaquim de Almeida Falcão, que deveriam ter respirado quando o velho repórter deixou a Seção de Sistemática.

NO GABINETE DO DIRETOR DO JARDIM BOTÂNICO

Depois de nosso passeio pelo Jardim Botânico, voltamos no dia seguinte à presença do professor J. G. Kuhlmann, que nos recebeu em seu gabinete de trabalho.

Ja havíamos conversado com os Drs. Curt Brade e Liberato Barroso sobre os trabalhos de suas seções e, com os apontamentos tomados ainda no passeio com o diretor do Jardim Botânico, conseguimos material suficiente para longa reportagem na *Revista do Serviço Público*. Entretanto, a falta de outras notas, previstas em nosso programa, dava-nos impressão de que este trabalho se achava bem longe de conclusão... Não havia, pois, como deixar sossegados os diretores de serviços do Jardim Botânico.

E o prof. Kuhlmann, ao nos ouvir impressões da véspera, do dia cheio de domingo, em sua companhia, disse-nos que se devia ao Ministro Apolônio Sales e ao diretor do Serviço Florestal a série de melhoramentos introduzidos no Jardim Botânico de dois anos para cá.

Apesar de muito sóbrio em suas expansões, notamos da parte do prof. Kuhlmann agrado e mesmo entusiasmo pela atuação daqueles titulares com o propósito de manter sempre com muito brilho as tradições do rico e imenso patrimônio florístico que a União mantém na Gávea.

— O Jardim Botânico, acentuou, passou a ter a autonomia científica que desfrutara noutros tempos, em virtude da recente reforma do Serviço Florestal, a que é subordinado. Quanto à parte administrativa, esta pode agora atender melhor às exigências burocráticas e a outras que o regimento baixado há dois meses determina. No que diz respeito à parte científica, cuja direção me foi atribuída, cabe-me orientar as diversas seções que a integram. Conto com a colaboração de naturalistas de renome no país e, por outro lado, procuro dar sempre oportunidade de se especializarem a quantos realmente se sintam inclinados a bem servir ao Jardim Botânico ou a organizações científicas semelhantes nos Estados e que venham fazer estágio aqui.

Enquanto assim nos falava o prof. Kuhlmann, íamos observando o que lhe enchia a mesa de trabalho, tudo a revelar naturalmente trabalhos seus de pesquisas. E mais uma vez olhamos com muito respeito para a "*Flora Brasiliensis*" de MARTIUS, ao lado, na estante, e que tanta dor de cabeça nos dera quando transformada em *Flora Brasileira* do Martins...

POR NADA SABER...

"Não custa perguntar", eis a norma, a divisa, que nos traçamos ao fazer essas reportagens; e hoje, que já percorremos quarenta setores da administração pública federal, trabalhando para a *Revista do Serviço Público*, temos, graças a semelhante conduta, visão mais clara da vida administrativa do país. Só nos falta agora "uma reportagem sobre nossas reportagens", mostrando seus aspectos curiosos, seus "nadas" interessantes, que, por discreção, temos deixado de mencionar aqui. Talvez possamos, em conferência pública, fazê-lo um dia mais à vontade, em meio de algumas blagues inofensivas. Talvez. E já estamos pensando também em figuras muito simpáticas de administradores, intelectuais e homens de ciência que nos atenderam quando os fomos importunar no desempenho dessa tarefa de saber como vai correndo a máquina administrativa em seus diferentes ramais. Mas,

para falar isentamente, melhor será deixar correr um pouco mais o tempo, de modo a permitir-nos fazer-lhes o perfil exato, sem a interferência muitas vezes perturbadora da gratidão por benefício recente recebido.

ÓLEOS E PÒZINHOS

Além de livros e papéis, a mesa do pesquisador comportava outras coisas: fôlhas verdes e secas, frutos, cascas e alguns vidros pequenos com óleos ou pòzinhos.

— Noto que os seus trabalhos de pesquisa continuam...

— Naturalmente. Apesar de diretor não abro mão de meus trabalhos como pesquisador, e vou fazendo o que posso, com boa vontade e entusiasmo, embora já tenha realizado alguma coisa desde que sirvo no Jardim Botânico.

— Êsse óleo verde deve ser de alguma planta...

— E' o resultado de minhas pesquisas e observações numa leguminosa amazônica.

— P'ra que serve êle?

— E' possível que tenha grande aplicação mais tarde na indústria, como lubrificante ou matéria prima para sabões e produtos semelhantes. A árvore que produz êsse óleo é também uma das mais ornamentais que temos. A sua ramificação abundante assegura a produção de ótima lenha; a copa, frondosíssima, oferece esplêndida sombra; as raízes, pelas suas bactérias, garantem a fixação do azoto indispensável à melhoria do solo.

— E êsse pòzinho branco?

— E' produto proveniente das brácteas de nossa comuníssima imbaúba.

— E que são brácteas?

— Brácteas são órgãos que envolvem as fôlhas novas em formação. Acabada essa função protetora, elas caem em seguida.

— E anteriormente se perdia êsse pó?

— Perdia-se. Depois desta minha descoberta acredito que um dia seja êle industrializado.

Vimos noutro vidro material diferente do anterior: uma farinha grossa, esverdeada.

E, de acôrdo com o nosso invariável programa de perguntar tudo, demos êste ligeiro palpite:

— Essa farinha deve servir para fazer goma arábica...

— Não acertou com a sua goma arábica, disse-nos sorrindo o prof. Kuhlmann. Isso é uma espécie de breu natural, que reveste a casca, de alto a baixo, de nossa "Paineira Morena".

— Mas êsse breu encontra-se assim mesmo com essa apresentação?

— Assim mesmo.

— E p'ra que serve?

— Para muita coisa: emprega-se na fabricação de sabão, na composição de vernizes e em finalidades semelhantes.

— E' abundante essa planta no Brasil?

— Aparece com regularidade no Distrito Federal e nos Estados vizinhos. A árvore que produz êsse breu dá também ótima paina e boa madeira branca, capaz de ser empregada na fabricação de caixas para comestíveis, frutas, etc.

— E por que o professor destacou, de preferência, "caixas para comestíveis, frutas, etc."?

— Por não conter a madeira qualquer substância nociva e ser, além de tudo, inodora. A fibra da "Paineira Morena", por ser bastante extensa, dará também boa pasta para fabricação de papel.

— E, afinal, o senhor nos falou nas propriedades industriais dessa planta mas não lhe declinou o nome científico...

— É a *Bombax stenopetalum*.

O prof. Kuhlmann parecia-nos já cansado de tanta pergunta... Mas, como tivéssemos ainda visto outro vidro, e êste contendo um líquido transparente, tentamos conseguir mais uma informação:

— P'ra que serve êsse líquido aí nesse vidro?

E o prof. Kuhlmann, apanhando o vidro, disse-nos:

— Cheire e veja o que faz lembrar...

— Tem qualquer coisa de canela.

— Desta vez quase acertou. Cheira realmente um pouco a canela, mas não à canela — tempêro. Trata-se de espécie bem diferente e que se acha ainda em estudo. Posso assegurar-lhe desde já que está se revelando óleo dotado de excelente aroma e de possível emprêgo na indústria de perfumes.

A COOPERAÇÃO DO INSTITUTO DE QUÍMICA AGRÍCOLA

Fizemos sentir ao prof. Kuhlmann nossa estranheza por não ver ali na sua seção laboratório ou aparelhos para exame de todo aquêl material já estudado.

— Não lhe mostrei essa aparelhagem porque ainda não a temos. Todos os meus exames químicos de material botânico são realizados aqui ao lado pelo Instituto de Química Agrícola, cujo diretor, Dr. José Hasselmann, procura facilitar-nos tudo, revelando sempre êsse espírito de cooperação indispensável em todos os setores da administração pública.

O DESENHO NOS TRABALHOS BOTÂNICOS

As publicações do Jardim Botânico são tôdas ilustradas de desenhos especializados e feitos pelo desenhista Sr. Newton Paes Leal, que há 23 anos ali trabalha, oferecendo excelente contribuição aos seus naturalistas.

O Dr. Liberato Barroso, quando lhe falamos nos belos desenhos que o próprio professor Brade executa para lhe ilustrar os trabalhos, esclareceu-nos que também havia na casa aquêles desenhista, a quem fomos em seguida apresentados.

O Sr. Newton Leal disse-nos que seu pai, senhor Antônio Leal, é desenhista aposentado do Instituto Oswaldo Cruz e que êle, desde menino, começou a dedicar-se também ao desenho e de preferência ao referente à botânica.

Vimos os trabalhos do Sr. Newton Leal, todos, aliás, comprovadores de uma técnica apurada e que permitem, mesmo aos leigos em botânica, revelar pormenores curiosos de uma fôlha ou flor, os quais nem sempre a mais nítida fotografia consegue detalhar.

— E no Jardim Botânico não há fotógrafo?

— Há sim. E' o Sr. Roberto Delforge, competente e hábil profissional, sobretudo em cine e microfotografia.

E quando o Sr. Newton Leal deixou a sala do Dr. Liberato Barroso, êste, muito satisfeito, nos perguntou:

— Então, o Newton é ou não é um *bicho* no desenho?

— Realmente. E' um prazer apreciar, com vagar, os seus trabalhos.

CONVERSANDO COM O SUPERINTENDENTE DO JARDIM BOTÂNICO

Logo à entrada do edifício de administração do Jardim Botânico, acha-se instalado o mostruário referente à parte da botânica que tem por fim o estudo especial dos frutos — a carpologia.

A sala onde se encontra êsse mostruário chama-se "Barbosa Rodrigues" e nela se encontram 3.343 frutos, devidamente classificados e abrangendo quase tôdas as famílias do reino vegetal, quer indígenas, quer exóticas.

Quando o fruto por sua natureza, como a manga, o abacaxi, o mamão, etc., não pode ser devidamente conservado, faz-se então sua modelação em cera, aproveitando-se, entretanto, o pedúnculo natural para que seja mais perfeita essa imitação.

A exposição da "Sala Barbosa Rodrigues" vai sendo enriquecida aos poucos com material vindo de fora ou coletado do arboreto do próprio Jardim Botânico.

RETIFICAÇÃO DO RIO MACACOS

Como ilustramos esta reportagem com uma fotografia do rio Macacos, falamos de início na sua retificação ao Dr. Cláudio Cecil Poland, que, como superintendente do Jardim, poderia nos dizer alguma coisa a respeito.

— Essa obra, iniciada na administração atual do Dr. João Falcão no Serviço Florestal, tem por finalidade evitar as nefastas enchentes periódicas dêsse rio, e concorrer também para o embelezamento paisagístico do Jardim.

INTERCÂMBIO DE SEMENTES E MUDAS

Quando conversávamos com o Dr. Cláudio Poland chegou a correspondência destinada à Superintendência. E tivemos a propósito dessa correspondência estas informações que nos parecem interessantes:

— O Jardim Botânico já há muito tempo vem mantendo regular intercâmbio de sementes e mudas com estabelecimentos congêneres no país e no estrangeiro. Também vem êle atendendo às solicitações de sementes e mudas feitas por Prefeituras municipais e por particulares. Aqui está um ofício do Institut Français d'Afrique Noire, em Dakar, e datado de 8 de agosto de 1944. O Jardim Botânico o recebeu por intermédio do Itamarati. Êsse instituto solicita, para permuta, sementes e mudas de plantas brasileiras.

O "INDEX SEMINUM"

As atividades do superintendente atual do Jardim Botânico não se têm limitado às de rotina comum prevista no regimento da repartição. Dotado

de acentuado espírito observador, que nêle vislumbremos logo que lhe falamos, o Dr. Cláudio Poland alia a essa qualidade a de homem de ação, de iniciativa nas delicadas funções de chefia que exerce, procurando sempre proporcionar ao público que visita o Jardim e a estudantes de botânica facilidades e recursos para conhecer melhor os encantos daquele e os segredos desta, com a preparação de vários trabalhos impressos visando essa finalidade.

Assim é o *Index Seminum*. Trata-se de uma relação, tão completa quanto possível, de sementes que podem ser fornecidas ou permutadas pelo Jardim Botânico. Não se trata de simples catálogo, em que a discriminação das sementes fôsse feita, por exemplo, em ordem alfabética, como se poderia supor. Nada disso. Os nomes das sementes foram grupados em suas classes, ordens, famílias, gêneros e espécies. Como se vê, será uma publicação técnico-científica e que deverá ser remetida periodicamente, à proporção que fôr sendo editada, a estabelecimentos congêneres ao Jardim Botânico.

PALMEIRAS INDÍGENAS CULTIVADAS NO JARDIM BOTÂNICO

Além do *Index* anterior, o Sr. Cláudio Poland está elaborando outra publicação, à guisa de guia das palmeiras indígenas cultivadas no Jardim Botânico.

Vimos os originais dêsse trabalho e, para defini-lo melhor, impõe-se a transcrição em seguida de seu prefácio:

"O presente trabalho visa tão somente servir de guia das palmeiras indígenas cultivadas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, motivo por que fugimos à descrição da estrutura floral das espécies, dando preferência aos caracteres de maior visibilidade e fácil acesso. Muitos termos versados em botânica de tôdas as espécies aqui descritas têm o número correspondente à coleção do Jardim e respectiva localização, o que muito facilitará aos estudiosos. As classificações estão baseadas nos mais recentes trabalhos dos eminentes professores Dahlgren e Burret. Pensamos ao iniciar esta publicação render pálida homenagem ao inolvidável botânico Barbosa Rodrigues, divulgando conhecimentos sobre a família que tanto êsse sábio amou e lhe deu renome universal".

Adiantou-nos o Sr. Cláudio Poland que o *Guia das Palmeiras indígenas cultivadas no Jardim Botânico* — talvez possamos chamá-lo desde já assim — será publicado aos poucos na *Rodriguésia*, sendo possível abranja, na sua descrição, 78 espécies de palmeiras indígenas.

— Atualmente — acentuou o Sr. Cláudio Poland — quem quiser conhecer pormenorizadamente qualquer palmeira terá de recorrer à *Flora Brasiliensis*, de MARTIUS, ou então ao *Sertum Palmarum Brasiliensis*, de Barbosa Rodrigues, trabalhos êsses escritos em latim e, convenhamos, de difícil tradução pelos não versados suficientemente nessa língua e em botânica. Agrada-me, portanto, poder oferecer aos estudiosos êsse meio de conhecer uma das mais lindas famílias do reino vegetal e, também, das mais complexas.

— Mas, fora do Brasil não há estudiosos atualmente das palmeiras?

— Há, sim. São notáveis os trabalhos dos professores Burret e Dahlgren, respectivamente dos Estados Unidos e da Alemanha, considerados como os maiores palmólogos do mundo.

"GUIA DO JARDIM BOTÂNICO"

Está terminado e em vias de impressão um guia pela imagem do Jardim Botânico.

Permite êle orientar, com facilidade e segurança, o visitante, indicando-lhe os pontos mais curiosos e pitorescos do Jardim. Será assim uma espécie de roteiro desenhado, com a situação precisa de cada árvore notável, monumento ou preciosidade ali existentes.

Achamos tão interessante êsse roteiro que fizemos nosso fotógrafo voltar dias depois ao Jardim Botânico a fim de fixá-lo devidamente para reprodução nesta reportagem, como o leitor poderá apreciar entre as fotografias aqui estampadas.

Deve-se ao desenhista Roberto Delforge a execução dêsse vistoso e atraente guia, de feição muito prática, realmente.

EXPOSIÇÕES

E' do programa da Superintendência a realização, de tempos a tempos, de exposições de preciosidades do Jardim Botânico.

Recentemente houve ali uma exposição de begônias e outra de orquídeas. No corrente ano serão realizados certâmens semelhantes, sempre de muito agrado do público.

UM FILME COLORIDO DO JARDIM BOTÂNICO

A Superintendência do Jardim Botânico está entrando em entendimento com a seção de cinema do Coordenador dos Negócios Interamericanos dos Estados Unidos.

Esse mesmo órgão do Governo norte-americano já colheu anteriormente alguns aspectos de conjuntos das nossas mais belas orquídeas, fixando-as em filme, que já foi remetido àquele país, onde é muito vivo o interesse, nos meios culturais, pelo nosso Jardim Botânico.

Afora o filme tirado pelos técnicos norte-americanos, o Instituto Nacional de Cinema Educativo, que o professor Roquete Pinto tão superiormente dirige, também fez um filme do belo parque, trabalho que se deve a esse artista admirável que é Humberto Mauro.

VISITA DE ESTUDANTES AO JARDIM BOTÂNICO

Alunos das escolas superiores e também dos cursos secundários visitam com frequência o Jardim Botânico.

Desses grupos de visitantes o mais recente foi o constituído por 39 alunas da Escola Normal de Niterói. Algumas vezes os técnicos do Jardim Botânico acompanham os visitantes, dando-lhes explicações sobre as coisas interessantes do parque.

UM GESTO DO MINISTRO SALGADO FILHO

De sua última viagem ao Chile, trouxe o ministro Salgado Filho um exemplar de uma conífera desse país, oferecendo-o ao Jardim Botânico, onde esteve pessoalmente para fazer entrega de sua valiosa dádiva.

CURSO DE JARDINAGEM

No Jardim Botânico já tem havido aulas de jardinagem ministradas a pessoas interessadas no assunto. Logo que seja possível formar-se número mais apreciável de estudantes será, então, organizado curso regular da matéria.

COOPERANDO COM OS CURSOS DE APERFEIÇOAMENTO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

Como se sabe, o Ministério da Agricultura mantém vários cursos de especialização. Os de botânica são dados no recinto do Jardim Botânico, tanto no parque como nos laboratórios. Os professores são técnicos da repartição, indicados pelo diretor daqueles cursos.

Atualmente funcionam o de botânica popular a cargo do Dr. Leonam de Azevedo Pena, que tem como assistente o Sr. Cláudio Poland, e o de botânica técnica, sob a orientação do Dr. Fernando Romano Milanez, ministrado em laboratório.

Acha-se em vias de organização o curso de botânica sistemática, que ficará sob a responsabilidade do prof. Kuhlmann.

NA BIBLIOTECA

O Sr. Cláudio Poland fez a gentileza de levar-nos à Biblioteca, que se acha instalada entre o gabinete do diretor do Serviço Florestal e a Seção de Botânica Geral.

Muito agradável a impressão que se recebe dessa dependência da repartição. Ali os livros não morrem nas estantes. O ambiente é de vida e trabalho, realizado em longa sala servida por quatro janelas que deitam para o parque, cujas árvores filtram um pouco a luz, não permitindo, assim, que ela seja excessiva no interior da casa.

O Dr. Nearch Silveira Azevedo, chefe da Biblioteca, recebe-nos com muita distinção.

Agrônomo biólogo, o Sr. Silveira Azevedo está sempre voltado para as atividades intelectuais concernentes à agronomia e à botânica e ali no meio de tantos livros, revistas e monografias sobre o vasto reino vegetal, sente-se que ele está realmente em seu meio. Foi o Sr. Silveira Azevedo o principal colaborador do Dr. Heitor Grilo, atual diretor do Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agrônomicas, na organização da Primeira Reunião de Fitopatologistas do Brasil, bem como do Primeiro Congresso Brasileiro de Agronomia.

Ao primeiro desses certâmens apresentou o doutor Silveira Azevedo interessante trabalho bibliográfico referente a doenças do cafeeiro.

E agora na biblioteca que dirige, ao observar-se-lhe de perto a orientação que lhe imprime, visando o maior conhecimento das obras que ela contém, verifica-se que não é menor a eficiência do técnico no trato das publicações necessárias ao Jardim e do conhecimento dos autores mais acatados nesse ou naquele ramo da botânica. Um simples bibliotecário de certo que não bastaria para dirigir semelhante biblioteca especializada e dar-lhe vida, através de organização em linhas muito próprias, inconfundíveis, capazes de torná-la cada vez mais eficiente.

A Biblioteca, parte integrante do Serviço Florestal a que se acha, como já dissemos, também subordinado o Jardim Botânico, serve de um modo geral a todos os órgãos desse Serviço. Ela foi constituída da fusão, em 1932, da antiga biblioteca

do Jardim Botânico com a do Instituto Biológico de Defesa Agrícola.

PRECIOSIDADE DA BIBLIOTECA

Entre os seus 5.100 volumes, encerra a Biblioteca obras de grande valor, conforme tivemos ensejo de verificar com o concurso da senhorita Eunice Braga, que no momento lidava com o respectivo fichário, mostrando-nos depois as próprias obras registradas nas fichas.

E mais uma vez fomos ver a *Flora Brasiliensis* de MARTIUS (27 vols.), a qual nos despertou novamente aquelas recordações de grata reportagem no Museu Nacional...; a *Historia Naturallis Palmarum* (3 vols.) do mesmo autor e *Ilex Brasiliensis*, de Spix e Martius (11 vols.); *Histoire Naturelle des Végétaux*, 1830, de J. B. Lamarck (15 vols.); *Sertum Palmarum* (2 vols.) e *Velosia*, de Barbosa Rodrigues.

INTERCÂMBIO DE PUBLICAÇÕES

A Biblioteca mantém permanente intercâmbio bibliográfico com inúmeros institutos científicos do mundo. O fichário, correspondente a êsse intercâmbio, dá idéia do seu volume e da sua extensão.

Apenas como curiosidade vamos mencionar algumas das fichas encimadas com os nomes dos países com os quais o Jardim Botânico se corresponde:

Rússia, Suécia, Inglaterra, Índia, Indochina, Irlanda, Japão, Java, Madagascar (P.F.), Mandchúria, Marrocos, Mauricéia, México, Mônaco, Noruega, África Portuguesa, Palestina, Filipinas, Rumania, tôdas as Repúblicas Americanas, Síria, Tunísia, Turquia, etc., etc.

COMO OS TÉCNICOS DO JARDIM BOTÂNICO SÃO INFORMADOS DA CHEGADA DE OBRAS NOVAS

Os professores do Jardim Botânico e seus assistentes não precisam incomodar-se para saber o que de novo deu entrada na Biblioteca. De 15 em 15 dias recebem êles uma relação das novidades chegadas, por meio de relações feitas com muito cuidado pela senhorita Célia de Figueiredo Moreira, que nesse trabalho recebe a colaboração de seu colega Afonso Cobaléa.

Outra contribuição valiosa que os técnicos recebem da Biblioteca é proporcionada pelo próprio chefe Sr. Silveira Azevedo, que, valendo-se de seu

longo tirocínio na bibliografia sobre botânica, faz pessoalmente paciente pesquisa dos assuntos que diretamente possam interessá-los em seus trabalhos científicos em andamento.

Assim é que o Sr. Silveira Azevedo idealizou uma ficha com uma notícia imediata e especial que seja, porventura, de interesse do conhecimento de tal ou qual técnico do Jardim Botânico.

Além, portanto, das relações quinzenais e destas últimas fichas, conta a Biblioteca com seu fichário geral de assuntos, independente de outros anexos de registro de livros e revistas, organizados todos conforme classificação universalmente adotada, que é a decimal de Melvil Dewey.

Outra auxiliar da Biblioteca, D. Ruth Piá Tavora também se entregava a trabalhos de fichário da correspondência, revelador também do permanente e constante intercâmbio da repartição com instituições culturais do país e do estrangeiro.

NA SEÇÃO DE BOTÂNICA GERAL

O Sr. Cláudio Poland, depois de nos fornecer informações sobre a Superintendência, acompanhou-nos ao pavimento superior, a fim de apresentar-nos ao Dr. Fernando Romano Milanez, chefe da Seção de Botânica Geral.

Em caminho, passamos pelo laboratório dessa seção, onde vimos sobre as mesas peças do material que ali, naturalmente, ia ser submetido a trabalhos de pesquisas. Na maioria, pedaços de madeira serrada, ainda revestidos de casca. Víamos assim, pela segunda vez, em ambiente muito propício, mesmo a um leigo, a observações interessantes sobre o estudo anatômico de madeiras. De outra feita, quando estivemos no Hôrto Florestal, o Sr. Djalma Guilherme de Almeida pôde nos mostrar material idêntico, que costuma submeter também a exames anatômicos. E fomos conhecer o micrótomo, aparelho dotado de afiada lâmina, no qual se tiram fitas finíssimas, de madeira, de tal forma delicadas, que dão até idéia de pedaços de papel de seda. E o simpático Sr. Guilherme de Almeida nos proporcionou naquela visita informações interessantíssimas sobre os trabalhos de sua seção, a de Tecnologia de Produtos Vegetais. Também lá vimos rico mostruário de taquinhos de madeira, todos com sua etiqueta com o nome da essência e sua procedência, a revelar o intercâmbio que o Brasil mantém com países de quase todo o mundo para melhor conhecimento de suas madei-

ras de lei ou de uso comum nas mais variadas indústrias.

CONVERSANDO COM O DR. FERNANDO ROMANO
MILANEZ

Esta reportagem se ressentiria ainda de maiores falhas, além das decorrentes das próprias deficiências do autor, se não fôsse ilustrada com as informações colhidas na Seção de Botânica Geral. E quase não as podíamos coletar por falta de tempo, que não soubemos distribuir convenientemente ao procurar as demais seções do Jardim. E' que, quase sempre, nós mesmos nos distraímos muito quando pegamos uma vítima para o nosso lápis e o nosso caderno de notas...

Bem, então, vamos conversar um pouco com o Dr. Fernando Romano Milanez. Gentleman perfeito, é um prazer ouvi-lo. Sabe expor com clareza o que possa ser de interesse para o público e sabe também não expor, quando o assunto não seja, pelo menos no momento, de oportunidade... Se não nos falha a memória, parece-nos que o doutor Romano Milanez só conversou conosco ligeiramente sobre os trabalhos de laboratório na parte da fisiologia vegetal. Parece-nos. Bem, mas não faz mal. Tratem, portanto, do que temos certeza de haver sido conversado então com minúcia.

A Seção de Botânica Geral, também criada pelo recente decreto que reformou o Serviço Florestal, já existia no Jardim Botânico com o nome de Seção de Biologia, passando, agora, a ter, porém, atribuições mais precisas.

E, a propósito dessas novas atribuições, esclareceu-nos o prof. Romano Milanez:

— São as que decorrem da própria denominação atual da Seção e podem ser resumidas no estudo da biologia dos vegetais brasileiros.

— Em que consiste esse estudo?

— Consiste essencialmente em pesquisas de anatomia e de fisiologia. As primeiras compreendem "sensu lato", a morfologia, a anatomia propriamente dita (morfologia interna) e a citologia. O estudo anatômico está entre nós muito mais adiantado do que o da fisiologia.

— E' muito importante o estudo da anatomia?

— Sem dúvida! Basta que lhe diga que a anatomia permite, além de conclusões teóricas de valor incontestado, identificar as madeiras e os fósseis. As madeiras, sobretudo, pelo seu valor econômico, precisam ser rigorosamente identificadas ao mi-

croscópio, por isso que muito raramente vêm acompanhadas de material botânico e, às vezes, até já trabalhadas. A Alfândega, por exemplo, tem se valido de nossos serviços nesse sentido a fim de poder classificar com segurança objetos e peças de madeira recebidos do estrangeiro. O exame microscópico das madeiras constitui um dos vínculos que unem esta Seção e, portanto, o Jardim Botânico, ao Serviço Florestal, naturalmente preocupado com o estudo de nossas madeiras, sobretudo através da Seção de Tecnologia Florestal, com a qual mantemos constante intercâmbio. Nossas relações nesse sentido são também extensivas ao Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo e ao Instituto Nacional de Tecnologia, aqui no Rio.

— E quanto aos fósseis, que nos pode dizer o doutor?

— Já iniciamos há algum tempo o estudo anatômico dos fósseis brasileiros, em colaboração com a Seção de Paleontologia da Divisão de Geologia, do Ministério da Agricultura, e dêsse estudo resultou a publicação de um trabalho sobre madeira fóssil do cretáceo.

Depois passamos a conversar sobre o ensino no Jardim Botânico. O prof. Romano Milanez assim se referiu à parte que lhe toca nesse ensino:

— Há cerca de cinco meses estou ensinando aqui, quatro vezes por semana, a duas turmas de alunos da Divisão dos Cursos de Aperfeiçoamento e Especialização do Ministério da Agricultura, constituídas de funcionários do Serviço e de pessoas estranhas ao mesmo.

— E tem notado interesse sincero de seus alunos pelo estudo da botânica?

— Ah! Muito interesse. E, entre eles, tive até o professor Navarro, da Universidade do Chile, que acompanhou minhas aulas até às vésperas de seu regresso à Pátria.

— E quanto a seus auxiliares?

— Como se observa em casos semelhantes, precisei formá-los no próprio trabalho diário da Seção, sendo todos muito eficientes. E agora mesmo minha auxiliar, a agrônoma Evangelina Meira, obteve uma bolsa de estudos nos Estados Unidos e já se encontra a caminho da Ann Arbor University.

E com esse encontro com o professor Romano Milanez demos por terminada a série de entrevistas que fizemos com os técnicos do Jardim Botânico, que nos facilitaram a execução de tarefa que, antes, nos parecia realmente muito difícil.